



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

MÁRCIA DE SANTANA CASTRO

**“O MUSEU JÁ ESTÁ AQUI”: ARQUEOLOGIA, MUSEOLOGIA E
PATRIMÔNIO EM TANQUE DO PIAUÍ**

SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

2023

MÁRCIA DE SANTANA CASTRO

**“O MUSEU JÁ ESTÁ AQUI”: ARQUEOLOGIA, MUSEOLOGIA E
PATRIMÔNIO EM TANQUE DO PIAUÍ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.

Linha de pesquisa: Arqueologia, Comunidades Tradicionais e Gestão do Patrimônio Cultural

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Lessa Costa

SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

2023

Castro, Márcia de Santana

C355m “O museu já está aqui”: arqueologia, museologia e patrimônio em Tanque do Piauí /Márcia de Santana Castro - São Raimundo Nonato - PI, 2023.

123 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Lessa Costa.

1. Patrimônio cultural. 2. Museus. 3. Arqueologia pública. I. Amaral, Alencar de Miranda. II. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca

SIBI/UNIVASF Bibliotecária: Kênia Leandra Ferreira Alves

CRB/15: 886



1
2 **UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**
3 **PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**
4 Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
5 Rua João Ferreira dos Santos, s/nº, Campestre
6 CEP 64770-000 - São Raimundo Nonato/PI, Brasil. Telefone (89) 35829750
7 <https://portais.univasf.edu.br/pparque/> E-mail: cpgarque@univasf.edu.br
8

1 **ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA**
2 **Defesa Nº 15**

3
4 Ata da Sessão Pública, de exame de Defesa de
5 Dissertação, como requisito para obtenção do título
6 de Mestre em Arqueologia, Área de Concentração
7 em Arqueologia e Preservação Patrimonial.
8

9 Aos quatorze dias, do mês de agosto de dois mil e vinte e três, às 10:00, via plataforma
10 remota *Streamyard*, reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado de Pós-
11 Graduação em Arqueologia, composta pelos membros: Professor Dr. Rodrigo Lessa
12 Costa (PParque-UNIVASF) – Orientador e Presidente da Banca; Professora Dra.
13 Fabiana Comerlato (PPGAP-UFRB), Professor Dr. Leandro Mageste (PParque-
14 UNIVASF), Professor Dr. Mauro Alexandre Farias Fontes (PParque-UNIVASF); com
15 a finalidade de julgar o trabalho da discente Márcia de Santana Castro, intitulado “O
16 MUSEU JÁ ESTÁ AQUI: ARQUEOLOGIA, MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO EM
17 TANQUE DO PIAUÍ”, para obtenção do título de Mestre em Arqueologia. O
18 desenvolvimento das atividades seguiu o roteiro de sessão de Defesa Pública
19 estabelecido pelo Presidente da banca, o qual realizou a abertura e posterior condução e
20 encerramento da sessão solene. Após analisarem o trabalho e arguírem a discente, os
21 membros da Banca Examinadora deliberaram pelo conceito APROVADO da discente,
22 habilitando-a ao título de Mestre em Arqueologia, na Área de Concentração em
23 Arqueologia e Preservação Patrimonial, conforme o regimento interno do Programa de
24 Pós-Graduação em Arqueologia da UNIVASF. A candidata deverá apresentar o
25 trabalho em sua redação definitiva, sob pena de não expedição do Diploma, devendo a
26 mesma assinar o Termo de Compromisso anexo, que passa a fazer parte integrante deste
27 documento. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ATA que vai assinada
28 pelos membros da Banca Examinadora.
29

30 São Raimundo Nonato-PI, 14 de agosto de 2023.

Membros da Banca	Assinaturas
*Dr. Rodrigo Lessa Costa (presidente)	Documento assinado digitalmente  RODRIGO LESSA COSTA Data: 15/08/2023 15:27:24-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br
*Dra. Fabiana Comerlato (examinadora externa)	Documento assinado digitalmente  FABIANA COMERLATO Data: 15/08/2023 13:21:33-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br
*Dr. Leandro Elias Canaan Mageste (examinador interno)	Documento assinado digitalmente  LEANDRO ELIAS CANAAN MAGESTE Data: 15/08/2023 16:09:49-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br
*Dr. Mauro Alexandre Farias Fontes (examinador interno)	Documento assinado digitalmente  MAURO ALEXANDRE FARIAS FONTES Data: 15/08/2023 15:48:32-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br

31 *Participação a distância – síncrona remota

Este trabalho é dedicado a
comunidade de Tanque do Piauí,
que tão bem me recebeu e acolheu
compondo parte da minha vida
para além da pesquisa desde 2018

AGRADECIMENTOS

Sem dúvidas agradeço as forças superiores que me acompanham.

Ao meu orientador Rodrigo Lessa pela sua parceria, não foi um processo fácil para mim, mas sem dúvidas a sua gentileza fez diferença, agradeço por não soltar minha mão.

À minha banca examinadora Leandro Mageste, Mauro Farias, Alencar Amaral, Rosemary Cardoso, esses professores e profissionais que tanto marcaram a minha formação enquanto arqueóloga na graduação, e agora no mestrado. À Fabiana Comerlato pelo aceite do convite para contribuir com esse trabalho.

Agradeço aos demais professores do PPArque, em especial aqueles com quem tive aulas nesse período da pós. Ao professor Ângelo da UFPI e à professora Louise da UFPEL com quem tive o prazer de cursar disciplinas enquanto aluna especial por meio do ensino remoto.

À CAPES pela bolsa concedida a mim por determinado período desse mestrado, espero e torço que essa possibilidade seja alcançada por mais estudantes.

Ao PET-Arqueologia, o ponto de impulso de tudo e apoio constante, e em especial aos petianos Tallis Ramos e Edson Oliveira que mergulharam junto comigo no movimento de atender anseios da comunidade.

Aos meus amigos de Tanque: Zé Pequeno, Ana, Toinho, Constância, Solidade, Raemilton, Franceilza, Tiago, Gustavo, Eliete, seu Ditin, ao seu Antônio, também o Antônio da Ceição e à Ceição, Deocleciana e sua família, seu Sebastião, Professor Romão, Herinque, Aparecida, agradeço por tanta acolhida e motivação.

À Prefeitura e a Câmara dos vereadores, mais uma vez reforço minha admiração pelo trabalho que vocês vêm realizando na cidade de vocês. Prefeito Tiel, Secretária Simone, Vereador Jefferson, Assessora Ionara e demais componentes desse time de peso. Saibam que almejei e almejo muito mais no que diz respeito a pesquisa por aí, e torço para que cada vez mais sejam mais os envolvidos.

À base de tudo, minha família, não foi um período fácil, mas permanecemos juntos. E, bom... esse sonho é tanto de vocês quanto meu. Amo vocês.

Agradeço aos amigos que se mantiveram presentes, a maioria ainda que distante, por tentarem acompanhar um pouco do processo, e principalmente por acreditarem tanto em mim, às vezes, mais do que eu mesma.

À minha turma de mestrado 2020. Ao Marcos Aurélio minha dupla na representação discente, e aos colegas também da turma de 2021 que pareciam da nossa turma. Em especial

aos que mantiveram contato, ainda que fosse virtualmente, vocês tornaram esse processo um pouco menos solitário.

Aos amigos que o trabalho me trouxe, que se fizeram presentes e torceram por mim nesse processo.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que torcem por trabalhos como esse, e que acreditam no poder da educação e na ciência.

GO. Vá. Vá em frente.
Nick Farewell

RESUMO

Na presente pesquisa apresenta-se o inventário de lugares de memória, artefatos e estruturas arqueológicas, celebrações religiosas e manifestações culturais presentes na cidade de Tanque do Piauí, observando o fato de que a comunidade local se organiza a fim de realizar ações de valorização e socialização desses espaços, objetos e narrativas. A justificativa dessas pessoas para tal iniciativa é garantir que as informações sobre o passado do território sejam passadas aos mais novos e não se percam com a passagem do tempo, em especial sobre o aldeamento São João de Sende que foi instalado nesse território nos meados do século XVIII. A partir desse contexto, nossa pesquisa teve como objetivo registrar, apresentar e refletir por meio de diálogos entre os campos teóricos da arqueologia pública, museologia social e musealização da arqueologia, a exposição de patrimônios culturais existentes na cidade. Para documentar e descrever esses lugares, artefatos, celebrações e manifestação cultural, em conjunto com a observação etnográfica em campo, foi construído um inventário participativo, que resultou em fichas descritivas sobre lugares de memória, artefatos e estruturas arqueológicas, celebrações religiosas e manifestações culturais, que para além da composição da nossa pesquisa espera-se que possam contribuir com as futuras ações culturais e educativas da comunidade em Tanque do Piauí.

Palavras-chave: Tanque do Piauí. Musealização da arqueologia. Arqueologia colaborativa.

ABSTRACT

This research presents an inventory of places of memory, artifacts and archaeological structures, religious celebrations and cultural manifestations in the city of Tanque do Piauí, observing the fact that the local community organizes itself in order to carry out actions of valorization and socialization of these spaces, objects and narratives, with the justification of ensuring that information about the territory's past is passed on to the youngest people instead being lost with the run of the time, especially about the São João de Sende village that was installed in this territory in the mid-18th century. From this context, our research aimed to record, present and reflect through dialogues between the theoretical fields of public archeology, social museology and musealization of archeology, the exhibition of cultural heritage that is presented in the city. To document and describe these places, artifacts, celebrations and cultural manifestation, together with ethnographic observation in the field, a participative inventory was applied, which produced descriptive forms filling by places of memory, artifacts and archaeological structures, religious celebrations and manifestations cultural, which in addition to the composition of our research, it is hoped that its systematized results can assist in future community actions in Tanque do Piauí.

Keywords: Tanque do Piauí. Musealization of archeology. Collaborative archaeology.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Município de Tanque do Piauí.....	17
Figura 2: Registro de entrevista em grupo na comunidade Salobro.....	38
Figura 3: Localização das comunidades mencionadas.....	42
Figura 4: Locais associados ao aldeamento.....	46
Figura 5: Pontos registrados de onde a cerca de pedra aparece.....	47
Figura 6: Cerca de Pedra, registro entre as casas de seu Benedito Nunes e Ionara Nunes.	48
Figura 7: Cerca de pedra, aos fundos da casa do seu Ditin.	48
Figura 8: Vai e não torna.	49
Figura 9: Material encontrado pelo morador José Luiz, sob guarda de Tiago Nunes.....	50
Figura 10: Cachimbo guardado por Dona Teresa e seu Raimundo.....	51
Figura 11: Banner da monografia, exposto no IV Festival.	53
Figura 12: Ruínas do Aldeamento. Acervo de Sebastião Carvalho.....	53
Figura 13: Croqui da Estrutura de pedras.....	54
Figura 14: Local chamado de Igreja Velha.	57
Figura 15: Sepultamentos.....	57
Figura 16: Vista do Mirante da Torre de Pedra.....	58
Figura 17: Pessoas subindo a trilha para o Mirante.....	59
Figura 18: Mapa da América do Sul.....	60
Figura 19: Imagem da santa depositada na Rocha.	60
Figura 20: Visão ampla da pedra da Santa.	61
Figura 21: Livro São João De Sene: 100 anos depois do fim do Aldeamento.....	62
Figura 22: I Festival de Cultura de São João de Sene.	63
Figura 23: II Festival de Cultura de São João de Sene. Banca com folders do festival, cordéis, e artigos para venda.	64
Figura 24: Deocleciana mostrando o pequeno acervo bibliográfico presente em sua casa.....	64
Figura 25: III Festival de Cultura de São João de Sene.....	66
Figura 26: Membros do PET-Arqueologia com moradores da comunidade durante o III Festival de Cultura de São João de Sene.	66
Figura 27: Chamada para Oficina de Condução de Visitantes em São João de Sene.	67
Figura 28: Registro do primeiro dia de oficina.....	68
Figura 29: Registro da atividade do segundo dia de oficina.....	69

Figura 30: Placa da casa dos padres franciscanos.	70
Figura 31: Apresentações de artistas locais.	71
Figura 32: Registro da condução de visitantes.	72
Figura 33: Exposição montada pelo PET-Arqueologia.	73
Figura 34: Recebendo a homenagem de Sebastião Carvalho, Tiel Sales, Simone Nunes e Romão Nunes.	74
Figura 35: Comunidade Salobro.	75
Figura 36: Entrada do Santuário.	75
Figura 37: Altar do santuário na comunidade do Salobro.	77
Figura 38: Igreja durante o festejo.	78
Figura 39: Registro da novena em 2022.	78
Figura 40: Banners do PET -Arqueologia expostos na igreja.	79
Figura 41: Imagem da Santa em 2021 e 2022.	80
Figura 42: Cachimbo encontrado em Racharia.	81
Figura 43: Cachimbo encontrado em Racharia.	81
Figura 44: Pequenos vasilhames cerâmicos que foram encontrados em Rancharia.	82
Figura 45: Fragmento de Cachimbo encontrado no campo em Rancharia.	82
Figura 46: Cachimbo encontrado por Seu Zé Pequeno em agosto de 2020 em Rancharia.	83
Figura 47: Líticos.	84
Figura 48: Lascas e estilhas.	85
Figura 49: Fragmento de cerâmica.	86
Figura 50: Poço Feio.	86

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONTEXTUALIZAÇÃO: O MUNICÍPIO DE TANQUE DO PIAUÍ	15
2.1	O ALDEAMENTO DE SÃO JOÃO DE SENDE (1765-1786).....	18
2.2	PET- ARQUEOLOGIA EM TANQUE DO PIAUI.....	22
3	ARQUEOLOGIA, MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO EM TANQUE DO PIAUI .25	
3.1	ARQUEOLOGIA PÚBLICA E COLABORATIVA	27
3.2	DA MUSEOLOGIA À MUSEOLOGIA SOCIAL	29
3.4	A NOÇÃO DE PATRIMONIO CULTURAL	31
4	- PESSOAS E OBJETOS: CAMINHOS METODOLÓGICOS	34
4.1	ETNOGRAFIA.....	35
4.1.1	Diálogos e Entrevistas	36
3. 2	INVENTÁRIO PARTICIPATIVO	39
5	O MUSEU JÁ ESTÁ AQUI: UMA EXPOSIÇÃO A CÉU ABERTO EM TANQUE DO PIAUÍ	41
5.1	SÃO JOÃO DE SENE: Bens culturais.....	44
4.1.1	Cerca de Pedra	46
5.1.2	“Vai e Não Torna”	49
5.1.3	Casa dos Padres Franciscanos e/ou Ruínas do aldeamento	53
5.1.4	Igreja Velha	56
5.1.5	Mirante da Torre de Pedra	58
5.1.6	A Gruta Da Santa e o Festejo de Nossa Senhora Aparecida	60
5.2	FESTIVAL DE CULTURA DE SÃO JOÃO DE SENE	61
5.3	SALOBRO: O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	74
5.4	RANCHARIA	80
5.5	ANGICAL	84

5.6 FERREIRO.....	85
5.6.1 Poço Feio.....	86
5.7 O MUSEU JÁ ESTÁ AQUI: ALGUMAS REFLEXÕES	87
6 CONSIDERAÇÕES	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi estruturada em decorrência das experiências e resultados das pesquisas em que atuei em Tanque do Piauí de 2018 a 2020 enquanto bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) - Arqueologia¹ da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

De início, em julho de 2018, o grupo PET-Arqueologia realizou visita técnica a Tanque do Piauí com objetivo de averiguar a potencialidade do local para estudos arqueológicos, uma vez que Oliveira (2007) indicava que aquele teria sido o local de estabelecimento do aldeamento São João de Sene no século XVIII (1765-1786), mais especificamente no interior do município, na localidade que atualmente é praticamente homônima, São João de Sene².

Naquela comunidade buscamos informações sobre o local do aldeamento com os moradores que prontamente nos conduziram a locais que, segundo eles, estariam associados a esse período: a nascente “Vai e Não Torna”, as “Ruínas do Aldeamento” e/ou “Casa dos Padres Franciscanos”, o “Mirante da Torre de Pedra” e a “Igreja Velha”. Ao passo que nos conduziam por esses locais, os moradores de Tanque do Piauí e São João de Sene, apresentavam suas narrativas sobre cada um deles, sobretudo, o que os mais velhos contavam sobre o que teria sido o passado daquelas terras.

Para além das narrativas construídas e/ou repassadas acerca desses locais, vários artefatos foram encontrados na região pelos próprios moradores, os quais suspeitavam terem pertencido aos indígenas que viveram ali muitos anos atrás. Tais artefatos foram guardados com cuidado e orgulho, e em alguns casos passados de geração em geração.

De acordo com os relatos dos moradores de São João de Sene e da sede municipal Tanque do Piauí houve de maneira natural o interesse público pela visita dos locais associados ao aldeamento. Conforme estes entusiastas da cultura e história local, divulgavam as estruturas e narrativas sobre o aldeamento São João de Sene em redes

¹ O grupo PET- Arqueologia/Univasf foi criado em 2010. É composto por doze bolsistas e um tutor, financiado pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Ensino Superior (MEC/SESU), e pela Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). É norteado pela indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. Entre os seus objetivos está o fortalecimento da pesquisa arqueológica na região sudeste do Piauí, além da promoção de ações de educação patrimonial.

² Segundo Carvalho e Nunes (2016) a localidade pode ter passado a se chamar São João de Sene, em decorrência ou de um erro ortográfico, ou do fato que o nome sene pode estar relacionado à planta sene, da qual se produz um chá das folhas que pode amenizar os efeitos intestinais causados pela doença de Chagas, e que teria sido utilizado pelas pessoas na região.

sociais e programas de TV, surgiam pessoas querendo conhecer o local de sua instalação. Com isso, alguns destes começaram a conduzir visitantes por tais pontos com a intenção de que as narrativas desse passado da ocupação indígena não se perdessem. Essa mesma intenção motivou a publicação por parte de dois filhos da terra do livro intitulado “São João de Sene 100 anos depois do fim do aldeamento” (Carvalho; Nunes, 2016), seguido da criação de um festival de cultura local em 2016, que já se encontra com quatro edições realizadas, e cujo objetivo tem sido refletir sobre a história do território da comunidade dos tempos do aldeamento até a atualidade, embora ali também se instaure a oportunidade de divulgar e comercializar produtos da agricultura familiar, e movimentar a economia local.

Por meio do contexto exposto, e do convite dos moradores para estudar a região em que eles vivem, concomitantemente com a atuação PET-Arqueologia, em 2019, eu, uma das bolsistas na época, juntamente ao tutor do programa, meu orientador, decidimos por aprofundar a pesquisa a respeito do local de estabelecimento do aldeamento para meu trabalho de monografia que foi intitulado “As narrativas acerca do Aldeamento São João de Sene (1765-1786): Historiografia, Tradição oral e Arqueologia” (Castro, 2020)³. O objetivo daquele trabalho foi sistematizar os dados bibliográficos de forma clara a respeito do aldeamento São João de Sene, o que ia ao encontro dos anseios da comunidade, ver essas informações reunidas e de fácil acesso, a partir daí, visando romper a propagação de uma perspectiva hegemônica, uma história única (Adichie, 2009) que envolvesse apenas as fontes bibliográficas sobre o aldeamento e as suas ruínas presentes na comunidade São João de Sene em Tanque do Piauí⁴, construímos uma pesquisa atenta a todas as fontes existentes. Assim produzimos um diálogo entre a historiografia que analisou as fontes primárias sobre o aldeamento, remontando à sua trajetória de 1765 a 1786, e a tradição oral da comunidade, o que foi feito por meio de entrevistas, além de uma apresentação preliminar das estruturas arqueológicas em superfície e cultura material resgatada de forma fortuita.

Ainda durante a construção da monografia, devo colocar, foram constantes os *insights* sobre como ainda tinha muito o que pesquisar naquele contexto. Ficou clara a necessidade de expandir a investigação a respeito da relação dos moradores dali com o passado de suas terras e os artefatos ocasionalmente encontrados, que envolviam para

³ Monografia de graduação defendida por esta autora no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco em 01 de fevereiro de 2020 (Castro, 2020).

⁴ O município de Tanque do Piauí fica localizado na microrregião de Picos, mesorregião sudeste piauiense, há 341 km de São Raimundo Nonato e 206 km da capital Teresina. (CPRM, 2004)

além das ruínas existentes na localidade de São João de Sene, e do passado do aldeamento, os cachimbos, fragmentos e vasilhames cerâmicos encontrados na comunidade Rancharia, localizada a poucos quilômetros de distância de São João de Sene. E com isso, entender como tais relações foram construídas pelos moradores a partir desse encontro, e como estes assumiram o papel de salvaguardar os artefatos e tornar público o que haviam encontrado.

Ainda no âmbito do PET-Arqueologia, diante da cultura material e dos espaços apresentados pelos moradores de São João de Sene e Tanque do Piauí, desenvolvemos, em grupo, pesquisas sobre a ocupação indígena do território do município e a religiosidade através da tradição do festejo de Nossa Senhora da Conceição que, segundo conta a tradição, já passa dos 200 anos (Programa de Educação Tutorial, 2019).

No final de 2019 ao início de 2020, após a saída de parte dos bolsistas do PET-Arqueologia que estavam envolvidos com as pesquisas, em Tanque do Piauí, e por meio do diálogo com nossos interlocutores, que por muitas vezes falavam sobre o sonho da criação de um museu ali, onde pudessem reunir os objetos guardados nas casas dos moradores, e que pudesse ajudar a contar a história da presença indígena que tanto os enchia de orgulho. Estes relataram eventuais conversas sobre esse desejo com a prefeitura local para viabilizar a proposta, contudo ainda que existisse imensa boa vontade dos gestores do município de Tanque de Piauí para com a preservação e comunicação de seu patrimônio cultural e arqueológico, as escassas receitas do município impedia a execução de tal projeto.

Com isso foi formulada nossa proposta de projeto de mestrado, compreendendo que não tínhamos o poder, e os recursos necessários para trazer o museu da forma como aquelas pessoas almejavam, mas que poderíamos de alguma forma refletir como certas ações que já vinham sendo desenvolvidas e/ou poderiam ser implementadas faziam parte de um processo museológico, e que de certa forma o museu já estava ali, em São João de Sene, e em Tanque do Piauí, na maneira como essas pessoas se organizavam no ambiente em que vivem, e como desenvolviam um processo de turismo sustentável e de gestão e curadoria compartilhada dos materiais arqueológicos, dialogando com movimentos como a Nova Museologia, Sociomuseologia e Museologia Social (Bruno, 1999; Wichers, 2016; Moutinho, 1993). Acreditamos que a ideia de museu vai muito além da edificação, e que as ações de preservação e comunicação do patrimônio cultural desenvolvidas neste município correspondem a musealização do patrimônio local, ainda que não haja, ao menos nesse momento um edifício específico com tal finalidade.

O questionamento/problemática que vem para nortear esta pesquisa, portanto, começou a ser elaborado através da reflexão de que não é apenas através da intervenção por parte de instituições oficiais que uma comunidade pode reconhecer seus bens, sua cultura, em alguns casos a própria comunidade pode ser a primeira parte responsável nesse processo, através do sentimento e valoração dos bens ao seu entorno. É justamente como escreve Pinheiro (2019) não é o fato de uma comunidade estar fora do circuito das políticas públicas oficiais que vai impossibilitar que ela desfrute de seu bem cultural, nas suas formas e maneiras escolhidas.

Posto isso, a nossa pesquisa toma forma com o objetivo de apresentar e discutir por meio dos campos teóricos da arqueologia pública e/ou colaborativa, museologia social e musealização da arqueologia, a exposição daquilo que compõe o patrimônio cultural que nós fomos apresentados nesse território que é composto pelo que identificamos como lugares de memória, sítios e artefatos arqueológicos, celebrações e manifestações culturais.

Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos que foram: (1) Inventariar os lugares de memória, sítios e artefatos arqueológicos, celebrações e manifestações culturais, (2) Desempenhar ações colaborativas em prol dos interesses da comunidade na realização do I Festival de Cultura de São João de Sene, e por último um objetivo que se conecta muito a justificativa desse trabalho (3) Contribuir por meio desta dissertação para com as ações de nossos interlocutores, compondo espaços como a “Biblioteca Comunitária Raimundo Rodrigues de Araújo Costa”,⁵ publicizando de modo socialmente relevante o material bibliográfico produzido.

Como já demos a entender, a justificativa que trazemos neste trabalho é fazer do mesmo uma ferramenta de registro, identificação, mapeamento, valorização e publicidade do sentimento demonstrado pelas pessoas em Tanque do Piauí⁶ que tem considerado que é importante estudar o passado em sua cidade.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. Inicialmente trazemos uma breve contextualização histórica município e um pouco da sua relação com o PET-Arqueologia, seguindo-se da apresentação nas nossas bases teóricas nos capítulos seguintes, apresentam-se os caminhos metodológicos trilhados na pesquisa. No último

⁵A “biblioteca comunitária Raimundo Rodrigues de Araújo Costa”, se trata de um espaço (um armário) criado em 2018 na casa de Deocleciana que é uma das moradoras de São João de Sene. O armário vem guardando os materiais bibliográficos desenvolvidos sobre Tanque do Piauí, e é colocado a disposição de todos os interessados.

⁶ Neste texto, quando me refiro as pessoas do município, falo também das pessoas de São João de Sene (comunidade administrativamente dependente do município de Tanque do Piauí).

capítulo estão os resultados construídos, como compreendemos o contexto estudado, discutindo a metáfora “o museu já está aqui”, para ler o contexto de estudo como uma exposição da tipologia de museu de território (Varine, 2007; IBRAM, 2012; Scheiner, 2012). Os chamados museu de território estão relacionados ao patrimônio material e imaterial das sociedades do passado e do presente, o que se equivale do contexto de Tanque do Piauí, composto espacialmente dos lugares de memória, artefatos e também das narrativas construídas na atualidade.

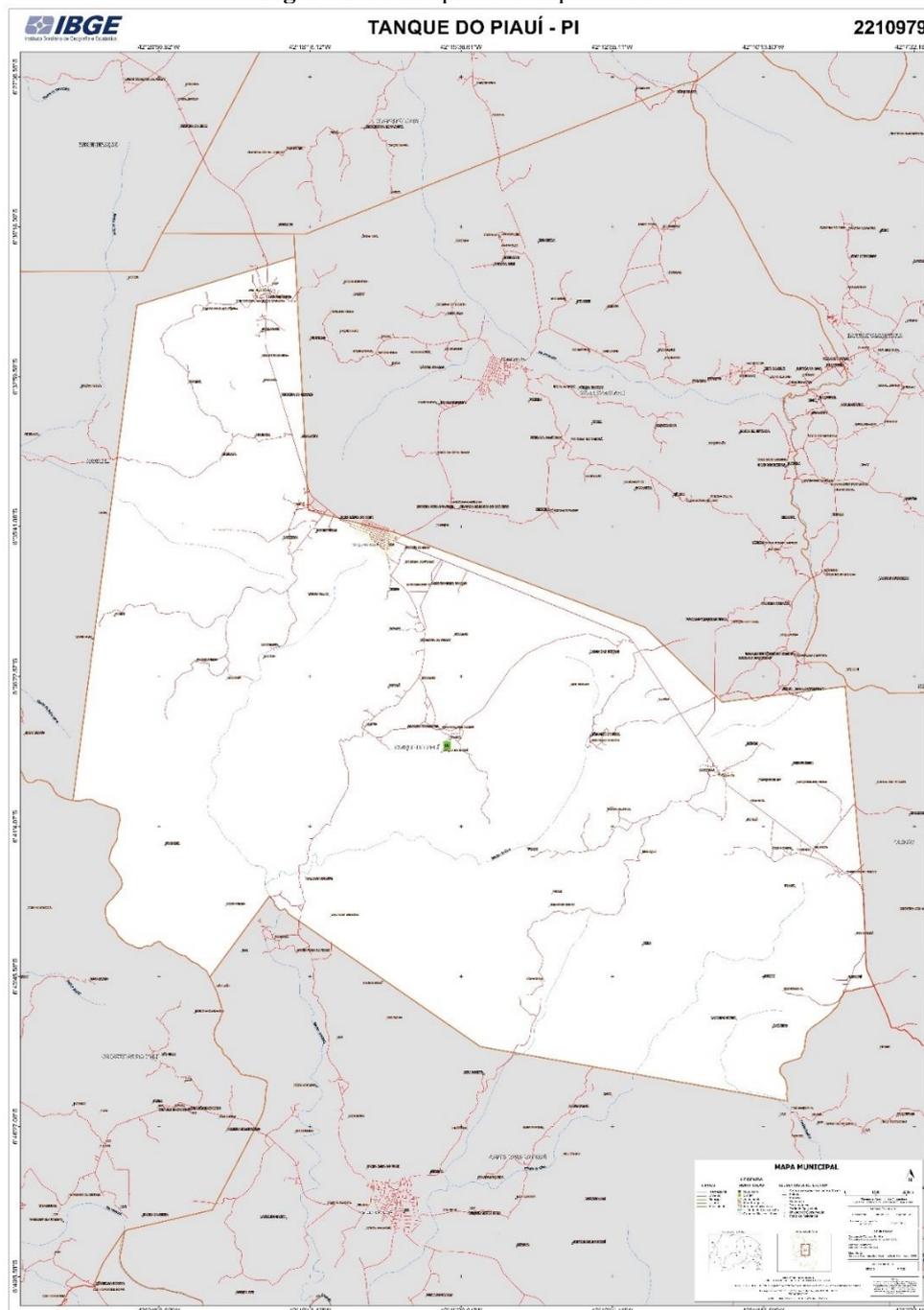
2 CONTEXTUALIZAÇÃO: O MUNICÍPIO DE TANQUE DO PIAUÍ

O município de Tanque do Piauí está localizado na microrregião de Picos, na região conhecida como Chapada Grande. Situa-se a 341 km de São Raimundo Nonato e 206 km da capital do Piauí, Teresina. “Foi criado pela Lei nº 4.810, de 14 de dezembro de 1995, após ser desmembrado das cidades de Arraial, Oeiras e Santa Rosa do Piauí” (CPRM, 2004:02). Segundo informações do IBGE⁷, em 2022 Tanque do Piauí contava com 2.316 habitantes. Possui 398,007 km² de área.

De acordo com os moradores, o nome do município foi dado por João Marinho, que residia próximo a atual sede de Tanque do Piauí. João Marinho morava numa localidade com uma nascente de água, e ele construiu uma barragem, com isso, as pessoas começaram a falar que João Marinho tinha feito um tanque, e a chamar o local de Tanque, e quando João Marinho se mudou para a área que hoje é a sede do município, trouxe consigo o nome de Tanque para o lugar, que assim ficou conhecido. Por sua vez, a primeira localidade conhecida como Tanque, onde João Marinho morou inicialmente, passou a ser chamada de Tanque Velho. Em 1995 quando o município foi criado oficialmente, no período de desmembramento das cidades de Arraial, Oeiras e Santa Rosa do Piauí, os moradores relatam que houve uma eleição para definir o nome do município. Com alternativas como “Lindo Horizonte” e “Planaltina”, o resultado foi que a denominação de Tanque permaneceu, sendo a localidade elevada a município com a denominação de Tanque do Piauí.

⁷ Disponível em; <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/tanque-do-piaui/panorama> acesso em 15 de agosto 2022.

Figura 1: Município de Tanque do Piauí.



Fonte: IBGE, 2021.

A cidade é também conhecida e divulgada pelos seus moradores como a “Capital da Fava”⁸, devido a produção e comércio desses grãos que tem consumo animal, farmacêutico e humano, e cuja presença é garantida nas refeições servidas por lá. Percebemos ainda a importância econômica da fava em Tanque, pela própria

⁸<https://g1.globo.com/pi/piaui/piaui-de-riquezas/noticia/2020/09/26/conhecida-como-capital-da-fava-tanque-do-piaui-e-destaque-na-producao-de-alimento.ghtml>

bandeira do município que a carrega. A agricultura familiar é o principal meio de sustento da população de Tanque do Piauí. Segundo dados do IBGE, além da própria fava, pode-se mencionar ainda a produção de caju, banana, milho e mandioca como principais cultivos.

A cultura ocupa um papel bastante relevante em Tanque do Piauí. Literatura e música possuem destaque por meio da poesia e do forró pé de serra. Os repentes e a literatura de cordel animam as noites nos bares da pequena cidade. Ao nos distanciarmos alguns quilômetros pelas estradas vicinais, essas manifestações culturais se juntam à materialidade indígena remanescente fortuitamente descoberta por agricultores, e muitas vezes guardadas como relíquias familiares, e que tem provocado a curiosidade e alimentado a imaginação das pessoas dali que produzem narrativas para explicar a existência daqueles materiais: cachimbos, potes de cerâmica, moedas, bem como relacioná-los a presença indígena documentada pela historiografia.

2.1 O ALDEAMENTO DE SÃO JOÃO DE SENDE (1765-1786)⁹

Nosso índio foi a grande vítima do civilizado.
(Chaves, 1998:145).

A implantação de aldeamentos foi essencial durante o projeto de colonização do território brasileiro, pois era por meio desses espaços que os indígenas eram submetidos às novas regras perante o colonizador, fazendo-os de certa forma, seus aliados, bem como súditos cristãos, por meio da catequização que retirava os seus supostos vícios e práticas que não se enquadravam na lógica cristã. Assim, os indígenas que aceitavam o domínio colonial eram integrados, a fim de garantir a soberania portuguesa nos territórios colonizados (Almeida, 2010).

Para a coroa portuguesa “os índios aliados eram indispensáveis ao projeto, pois além de compor as tropas militares, eles deviam ocupar os espaços conquistados e contribuir, como mão de obra para a construção das sociedades coloniais (Almeida, 2010:71)”.

Como colocou John Monteiro (1994), na formação da sociedade colonial Brasileira o indígena ocupava a antessala de uma estrutura maior onde residia também a

⁹ Além das referências utilizadas na construção dessa revisão historiográfica, uma síntese da história colonial do Piauí pode ser encontrada especialmente em Miranda (2005), Oliveira (2007).

escravidão africana. O panorama persiste em parte da atual sociedade e governo, nos quais vemos, em relação aos indígenas, um esforço em não considerar os direitos desses povos.

A respeito do conhecimento que se tem dos povos indígenas, entendemos que as fontes primárias utilizadas para a composição da historiografia foram construídas “por religiosos, funcionários da administração colonial, viajantes, aventureiros e senhores de engenho, sendo, portanto, visões geralmente distorcidas, advindas do ponto de vista do outro, (...) estranhos à cultura local” (Oliveira, 2007:12). Nesse mesmo contexto é interessante ressaltar a colocação de Almeida (2010) de que os aldeamentos foram pouco estudados, e eram vistos pela historiografia a partir dos interesses da coroa, dos missionários e dos colonos. A baixa visibilidade da cultura material e dos resquícios dessas estruturas tampouco permitiu que fossem estudadas sob o viés arqueológico.

A colonização do território que corresponde ao estado do Piauí foi uma das derradeiras, tendo sido promovida pelos bandeirantes da Casa da Torre, responsáveis pelo extermínio de milhares de indígenas.

Por meio do levantamento documental e da análise feita por Reginaldo Miranda (2005:123-219), sabemos que após um processo de luta entre colonos e indígenas que resultou em mortes, os Gueguê foram rendidos no final de junho de 1765, na região atual da reserva ecológica de Uruçuí-Uma, pelo tenente-coronel João do Rego Castelo Branco com a ajuda de um indígena Gueguê já catequizado. Segundo o autor a fim de obter sucesso na rendição dos Gueguê, os bandeirantes lhes presentearam para assim iniciar-se o descimento desses indígenas. Então em nove de outubro de 1765, o tenente-coronel chegou a Jerumenha, com os indígenas da nação Gueguê, que magoados pelos ataques sofridos, pediram para ser aldeados o mais longe possível (Miranda, 2005).

“este gentio, Illm^o Senhor, rogamos seja por V.S^a determinado para quanto mais longe melhor, porque ainda nos fica viva a lembrança do muito mal, que nos fez; e se tornar para a sua terra, teremos novos trabalhos, talvez em tempo, que não tenhamos a V. S^a para nos enxugar as lagrimas como agora” (CABACap. Cod. 147:42. Apud Miranda,2005:125).

Por meio desse desejo expresso, os Gueguê foram aldeados em uma localidade situada oito léguas ao norte de Oeiras, atualmente zona rural de Tanque do Piauí (Miranda, 2005)¹⁰. Essa localização segundo Miranda (2005), ainda tinha um caráter de

¹⁰ Em "Viagem pelo Brasil" os naturalistas Spix e Martius (2017: 351) mencionaram a existência em 1765 de uma aldeia, São João de Sende, nove léguas ao norte de Oeiras, reunindo cerca de 400 índios Gueguês. Sua língua, segundo os viajantes, pouco diferia da dos Acroá, que “estavam mais ao norte, entre o rio das Balsas, o Parnaíba e o Tocantins”.

estratégia militar, por estar próxima a Oeiras, e das freguesias Jerumenha e Pastos Bons, o que facilitaria a interceptação em caso de fuga.

De acordo com Mott (1985), Miranda (2005; 2011) e Oliveira, (2007), o governador João Pereira Caldas formalizou em 29 de novembro de 1765, com 434 índios Gueguê aldeados, o aldeamento São João de Sende, cujo nome era uma homenagem a São João Batista, o qual o governador era devoto, e Sende, devido a uma localidade no Conselho de Monção, Distrito de Viana do Castelo, Província do Minho em Portugal. Devemos destacar que em 1759 os jesuítas haviam sido expulsos do Brasil por Marquês de Pombal, o que impactou toda a política indigenista, desarticulando uma série de missões e aldeamentos existentes no país. Ainda que a presença jesuítica nas terras piauienses careça de maiores estudos como indica Oliveira (2007:17), sua presença nos aldeamentos daquela região, e naquele período, é pouco provável, de modo que sua administração foi conduzida por outros agentes.

Em 1768, chegou ao aldeamento a primeira figura religiosa, o Franciscano Manuel de Santa Catarina, seguido pelo frei Francisco Tavares, depois o padre João Paes Godinho e por último o padre Raimundo Alves Perreira. (Miranda, 2005).

A administração do aldeamento foi a princípio de Manoel Alves de Araújo, mas na maior parte do tempo de sua existência foi atribuída a João do Rego Castelo Branco e seu filho Antonio do Rego Castelo Branco, este último sendo o responsável pela função entre 1772 e 1776 (Oliveira, 2007:41).

Por meio dos dados trazidos por Miranda (2005) e Oliveira (2007) podemos perceber que ao longo da existência do aldeamento, a quantidade de indígenas aldeados foi diminuindo. Fundado inicialmente com 434 Gueguê, em 1768, contavam-se um número de 337; e, em 1772, 252 indígenas. Em 1778, parte dos Gueguê de São João de Sende foi transferida para o aldeamento de São Gonçalo do Amarante¹¹, atualmente município de Regeneração-PI, “ficando junto dos Acoroá, seus inimigos, contrariando a legislação vigente, que permitia a reunião de tribos diferentes no mesmo aldeamento, apenas se condicionada à vontade do grupo” (Oliveira, 2007:58). Ainda em 1778,

¹¹ São Gonçalo de Amarante, (é) aldeia e paróquia de índios, situada num terreno escolhido e fecundo, onde outro povo laborioso, fazendo florescer a agricultura, podia viver em abundância, e ser rico. Fica cinco léguas arredada da embocadura do Canindé, e obra de vinte ao norte da capital. Foi fundada pelos anos de 1766 para habitação de novecentos Gueguês, que ocupavam o terreno onde o Parnaíba tem as suas cabeceiras, e mil seiscentos Acoroás, que viviam mais para o meio-dia. Passado algum tempo, todos desertaram; porém, indo-se-lhes ao alcance, foram de novo conquistados, e restabelecidos no mesmo lugar onde hão ido sempre em decadência (AIRES DE CASAL, 1976:296).

Miranda (2005) menciona o acontecimento de uma fuga que teria sido coliderada por um escravo negro¹².

Essa fuga de 1778, mencionada na historiografia pode de alguma forma ter ligação com uma das narrativas apresentadas por nossos interlocutores, de acordo com José Ferreira Mota, conhecido localmente como Zé Pequeno, é história “*que não está registrada em livro*”, e sim que os mais velhos contavam sobre a fuga dos indígenas “*que eles, os índios, saíram fugidos de São João de Sene, voltando caminhado de costas todos pisando no rastro de um só, pra que pensassem que era o rastro de um índio chegando*”. Outra de nossas colaboradoras, moradora da localidade de São João de Sene, Dona Eliete também reproduz essa narrativa “*dizem até que quando eles foram fugir daqui, iam por o rastro um dos outros, caminhado ao contrário, para não encontrarem eles*”.

Miranda (2005) aponta que no ano de 1779, os Gueguê estavam reagindo à ameaça de extinção da aldeia, se dedicando ainda mais as atividades na lavoura e edificação do local.

Entre os anos de 1782 a 1784, contudo, havia apenas 19 indígenas, de acordo com o mapa das cidades, vilas, lugares e freguesias das capitâneas do Maranhão e Piauí¹³ que apresenta o número em geral dos habitantes dos lugares mencionados e em particular de cada uma das referidas povoações, por meio das notícias dos mortos e nascidos.

Podemos presumir que o que teria contribuído para a diminuição da população do aldeamento, foi o fato que o governo inseriu parte desses indígenas aldeados enquanto soldados nas expedições contra outros indígenas, e nem todos que iam, retornavam ao aldeamento, (Oliveira, 2007). Além disso, seguindo o objetivo da política pombalina, o trabalho desempenhado pelos indígenas junto aos colonos por meio da aprendizagem de ofícios, contribuiu para a redução demográfica dos aldeamentos. Fontes documentais¹⁴ indicam que os indígenas exerceram funções de ferreiro, e que também trabalharam nas fazendas de algodão do fisco. Como apontam Costa et al. (no prelo):

¹² Essa informação pode ser um indicativo da presença de negros fugitivos no aldeamento ou nas proximidades.

¹³ Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart543219/cart543219.html, acesso em 25 de janeiro de 2020.

¹⁴ Carta de Antonio José de Morais Durão, João do Rego Castelo Branco e José Esteves Falcão ao inspetor Luis Antonio Ribeiro, datada de 26 de janeiro de 1775. CAB, p. 124v-125, códice 150, apud Oliveira, 2007, p.125.

A prática incentivada pela coroa de ceder indígenas aldeados a colonos para aprenderem diversos ofícios, contribuiu para a sua dispersão e despovoamento do aldeamento. Apesar de tal iniciativa teoricamente buscar a inserção dos indígenas aldeados na sociedade, na prática acabou se tornando mais uma variação de trabalho compulsório.

Mesmo com o decréscimo populacional, por vários anos São João de Sende foi o único aldeamento indígena a apresentar produção agrícola na capitania de São José do Piauí (Miranda, 2011:256).

Em 1786 o aldeamento foi fechado, e os indígenas que restavam foram transferidos para São Gonçalo do Amarante, e em 1789 foi totalmente desocupado (Miranda, 2011).

Com relação as edificações existentes no interior do aldeamento, Miranda (2005) apenas mencionou, sem mais detalhes, a existência da capela, da casa do capelão e instalações para escola e habitação.

2.2 PET- ARQUEOLOGIA¹⁵ EM TANQUE DO PIAUI

Ao longo da trajetória de pesquisas do PET-Arqueologia no sudeste do Piauí, nos municípios de Dom Inocêncio, São Lourenço do Piauí, Dirceu Arcoverde, Fartura do Piauí, Bonfim do Piauí, João Costa, Coronel José Dias, e São Raimundo Nonato foram realizadas pesquisas referentes aos períodos do século XVIII até a atualidade, sobre temas como o patrimônio, história, memória e territorialidade de remanescentes quilombolas e indígenas; colonização do Piauí; e Educação Patrimonial, buscando contemplar a história e realidade local (Castro, 2020).

As pesquisas conduzidas pelo grupo PET-Arqueologia no município de Tanque do Piauí surgiram a partir de uma reunião com representantes do escritório técnico do

¹⁵ O PET (Programa de Educação Tutorial) é um projeto gerido pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) que consiste em equipes formadas por até doze alunos bolsistas, e, em alguns casos, até mais seis alunos voluntários, sob coordenação de um tutor, que juntos desenvolvem por meio Instituições de Ensino Superior ações direcionadas às demandas da região em que estão inseridos. Em sua atuação, os grupos PET buscam a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e a extensão. O PET é regulamentado pela Lei Nº 11.180, de 23 de setembro de 2005, e pela Portaria MEC Nº 976, de 27 de julho de 2010. O PET- Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, nasceu em setembro de 2010 no campus Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato-PI, tendo inicialmente como foco o projeto intitulado: “Escavando História: São Raimundo Nonato além dos 100 anos”, que tinha como objetivo à valorização e à preservação patrimonial e arqueológica da região sudeste do Piauí, contemplando uma lacuna científica da arqueologia histórica na região, valorizando a comunidade local, tornando-a parte ativa do projeto, e assim fortalecendo a memória e a história local. (NASCIMENTO et. al, 2015).

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de São Raimundo Nonato e docentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco, quando foi discutida a necessidade de pesquisas arqueológicas no suposto local de estabelecimento do aldeamento São João de Sene. Buscando-se mais informações do contexto atual, identificou-se o trabalho de Costa (2015), que não era específico sobre aquela localidade, mas trazia menções recentes sobre remanescentes materiais do aldeamento. (Costa, 2022)

A partir disso, o PET-Arqueologia¹⁶ realizou visita técnica à comunidade São João de Sene em Tanque do Piauí em 21 de julho de 2018, o objetivo da visita era conversar com os moradores a fim de averiguar se eles tinham informações a respeito da história local, e se realmente existiam estruturas e artefatos, remanescentes materiais do aldeamento, identificados na localidade apontada.

Ao chegarmos em Tanque do Piauí, fomos conduzidos pelos Senhores Antônio Alves da Anunciação (Toinho), José Ferreira Mota (Seu Zé Pequeno), entusiastas da cultura e história local, e pelo então secretário municipal de cultura, o Senhor Eduardo Costa, aos locais associados ao aldeamento, que foram a nascente “Vai e Não Torna”, as “Ruínas do Aldeamento”, algumas vezes também chamada de “Casa dos Padres Franciscanos”, o “Mirante da Torre de Pedra” e a “Igreja Velha”. Além de nos conduzirem pelos locais, nos contaram sobre a história deles, e que a presença de visitantes como nós, interessados em conhecer esses lugares em São João de Sene era comum, mas também existiam outros locais para conhecermos e que nós poderíamos estudá-los, diante desse convite não custamos a retornar a Tanque do Piauí. Neste trajeto e ao longo de outras visitas subsequentes conhecemos outros moradores de São João de Sene e Tanque do Piauí, que viriam a se tornar nossos colaboradores no desenvolvimento desta pesquisa e dos trabalhos do PET-Arqueologia.

Junto aos nossos colaboradores e outros bolsistas do PET investigamos em Tanque do Piauí, de 2018 a 2019 a tradição religiosa do festejo de Nossa Senhora da Conceição, e que acontece anualmente na comunidade Salobro, localidade de Tanque do Piauí, de 28 de novembro a 8 de dezembro, recebendo diversos fiéis tanto locais, como de municípios circunvizinhos. Segundo os moradores da localidade essa festividade já ocorre há mais de 100 anos. Também estudamos os lugares, objetos e narrativas relacionados a ocupação indígena em Tanque do Piauí, buscando produzir

¹⁶ Do qual fui bolsista de 2015 a 2018.

uma narrativa que conciliasse as narrativas historiográficas, e as narrativas da tradição oral sobre o aldeamento São João de Sene (Castro, 2020).

De 2018 até hoje, o PET- Arqueologia ainda segue sendo parceiro da comunidade de Tanque do Piauí, atendendo aos seus chamados de colaboração, e construção do conhecimento sobre a história local e arqueologia, através do projeto de pesquisa "Aldeamentos e deslocamentos indígenas no sudeste e centro norte do Piauí colonial: História, Arqueologia e Paisagem nos municípios de Tanque do Piauí, Várzea Grande, Jardim do Mulato e Regeneração - PI", coordenado pelo Professor Rodrigo Lessa Costa, autorizado por portaria pelo IPHAN/PI "Processo nº 01402.000566/2019-90¹⁷".

17

Disponível

em;

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=515&pagina=96&data=02/08/2021&captchafield=firstAccess>

3 ARQUEOLOGIA, MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO EM TANQUE DO PIAUI

A partir das relações que observamos em Tanque do Piauí, daquelas pessoas com seu território, fomos instigados a pensar esta pesquisa a fim de entender e apresentar as vivências e narrativas que se constituem na cidade, refletindo sobre um contexto que envolve ações e relações entre passado e presente, artefatos e pessoas.

Em Tanque do Piauí ocorrem ações que podem claramente ser lidas como musealização da arqueologia. A musealização da arqueologia segundo Bruno (2014) é compreendida como a junção das reciprocidades entre as instituições museológicas e os vestígios arqueológicos ao longo dos tempos, que permitam a realização de ações de salvaguarda e comunicação dos bens patrimoniais arqueológicos.

As ações a que nos referimos foram desenvolvidas fora dos domínios institucionais, muitas vezes pelas próprias pessoas que convivem com os bens arqueológicos, sobretudo nas comunidades São João de Sene e Rancharia que coexistem com estruturas arqueológicas, algo que também pode ser visto em outras áreas do Sudeste do Piauí, como por exemplo, no território Serra da Capivara (Viera, 2017; Otaviano, 2017; Macedo, 2020).

Essas pessoas têm buscado em seu cotidiano, salvar artefatos encontrados ocasionalmente, e lugares que acreditam ter relações com as populações indígenas documentadas na historiografia, e comunicá-los, mas também produzem para estes novos significados. Em situações como essas que Bezerra (2017:14) coloca que “podemos expandir este fenômeno chamado “arqueologia” para a compreensão de outras relações construídas pelas pessoas no presente com as coisas do passado” não pensarmos “apenas nas hermenêuticas dessas materialidades, mas também no emprego da sua própria substância material em atividades ordinárias contemporâneas”. Não devemos pensar sobre a vida social e cotidiana desses objetos apenas a partir da lógica preservacionista, pois essa ação pode vir interditando sensibilidades contemporâneas sobre essas materialidades, vamos passar despercebido pelos significados que as coisas do passado contam sobre a vida das pessoas no presente (Bezerra, 2017). É importante

nos atentarmos para a arqueologia que acontece no presente, ainda que dialoguemos com o passado, não se pode esquecer do diálogo com o presente, o diálogo entre comunidades e pesquisadores sobre questões que envolvem patrimônio arqueológico, ou ainda, e principalmente, como no nosso estudo de caso, a própria seleção de uma comunidade dos seus patrimônios/bens culturais.

Propor essa pesquisa é justamente buscar seguir de maneira indissociável a tríade de pesquisa, ensino e extensão, seguindo os preceitos do PET-Arqueologia, segundo os quais a universidade pública deve ser colaboradora das comunidades externas a ela, promovendo o exercício dessa via de mão dupla comunidade-universidade. Essa postura, como afirma Mageste, et. al. (2020:168) “pode vir a constituir um cenário propício para a comunicação entre sistemas de conhecimento distintos, produzidos no contexto de experiências e lógicas de mundo específicas”, buscando realizar melhores construções, que não atendam somente interesses de um lado, que normalmente tem sido a universidade.

Para isso, nos preocupamos em buscar bases teóricas que contemplassem uma relação profícua entre comunidade e universidade, essas foram a arqueologia pública, colaborativa e museologia social, observando a cumplicidade das mesmas, destacada por Mageste et. al (2018):

Desse modo, ressaltamos a cumplicidade das abordagens no tocante ao objetivo de promover a democratização das estruturas de produção do conhecimento e a utilização dos indicadores de memória como instrumento de luta política e transformação social. Na prática, as cadeias operatórias da Museologia Social sedimentaram caminhos dialógicos para o trabalho com diferentes tipologias patrimoniais em contexto comunitário, além de balizar metodologicamente as ações pautadas na experimentação da realidade local. Ao mesmo tempo, as provocações da Arqueologia Pública trouxeram para o centro do debate as implicações políticas que envolvem a construção do patrimônio arqueológico na contemporaneidade e os desafios que confrontam a articulação de diferentes versões sobre o passado e o presente. De fato, não se trata de olhares diferentes sobre um mesmo contexto, mas sim de olhares complementares, que são costurados no bojo das práticas colaborativas. (Mageste et. al. 2018, p.176)

Por meio da articulação entre tais abordagens buscamos compreender as cadeias operatórias museológicas¹⁸, inserindo as ações de experimentação ali desenvolvidas, bem como as implicações políticas que tomam lugar nas comunidades em estudo, enfatizando-se a sua inserção junto aos referenciais patrimoniais desenvolvida de modo independente, mas aprimoradas a partir de ações colaborativas com o PET-Arqueologia.

¹⁸ Procedimentos museológicos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural), segundo a autora também chamados de procedimentos museológico-curatoriais (Bruno, 2021).

3.1 ARQUEOLOGIA PÚBLICA E COLABORATIVA

O termo arqueologia pública foi inicialmente empregado no livro *Public Archeology* de Charles McGimsey, publicado em 1972 nos Estados Unidos, com o intuito de refletir políticas de preservação para com o patrimônio arqueológico que estava ameaçado pelo processo crescente de urbanização e industrialização que acontecia no país (Merriman, 2004; Fernandes, 2007).

Para Merriman (2004) existem dois significados para o “público” que se associa a arqueologia pública, o primeiro se refere ao governo e suas instituições, como museus oficiais, e o segundo é o conceito do público enquanto a sociedade, e o que ela consome e debate sobre produtos culturais. A segunda acepção é a que se adota neste trabalho, o público enquanto comunidade que tem uma clara relação com seus patrimônios culturais, que envolve a história local.

Nesse período inicial a arqueologia pública esteve na posição de reivindicar ao estado a proteção dos sítios arqueológicos ameaçados, se dispersando de aspectos museológicos e das relações construídas com a sociedade, algo que mudou com movimentos conhecidos como “Pós-processuais”. que aconteceram, inicialmente, em Cambridge, na Inglaterra da década de 1980, conduzidos por Ian Hodder que contrapôs os métodos considerados positivistas da arqueologia processual, com a inserção de uma nova abordagem, o pós-processualismo. Ali se desenvolvia uma arqueologia também conhecida como contextual e interpretativa, que pretendia interpretar o passado como produção do presente, incorporando aspectos simbólicos e cognitivos no estudo da cultura material, (Wichers, 2010; Lima, 2011).

Em síntese, observa-se que influenciada por tais movimentos, a arqueologia pública passa da compreensão de uma Arqueologia do estado: o “defensor do patrimônio” e o “representante da sociedade”, para uma Arqueologia das “pessoas, do público e para o público” (Vieira, 2017, p.28).

De acordo Merriman (2004) existem dois modelos dentro da arqueologia pública, o primeiro que seria o “modelo de déficit” que coloca os profissionais da arqueologia em uma posição de comunicador, educador perante a sociedade no que diz respeito ao patrimônio arqueológico. E o segundo chamado de “múltiplas perspectivas”, que como o nome sugere, dá atenção a múltiplas perspectivas, a partir da relação dos

profissionais da arqueologia com a sociedade naquilo que envolve a arqueologia (Merriman, 2004).

Outros três modelos são trazidos por Holtorf (2007) são eles, primeiro, o “educacional” que sugere que os profissionais da arqueologia transmitam ao público os termos de compreensão do patrimônio arqueológico, se demonstrando semelhante ao “modelo de déficit” de Merriman (2004). E em segundo o modelo de “relações públicas”, no qual há a sugestão que o apoio a pesquisa arqueológica depende da imagem pública do arqueólogo, e em terceiro o modelo “democrático”, que se posiciona de forma diferente dos dois modelos anteriores, propondo que todos os indivíduos, independente de escolarização, são capazes de serem atores no processo de pesquisa arqueológica junto aos arqueólogos, demonstrando semelhanças ao modelo “múltiplas perspectivas”, de Merriman (2004).

São trazidos ainda por Matsuda e Okamura (2011) quatro modelos dentro da arqueologia pública, são eles o “educacional”, “relações públicas” que refletem os modelos apresentados por Holtorf (2007), o modelo “crítico” que analisa as relações de poder entre as negociações e interpretações da prática arqueológica, e por último o modelo “multifocal”, que busca reconhecer as várias interpretações da materialidade arqueológica, pensando nas formas de conhecimento em diferentes contextos, como por exemplo fora dos espaços acadêmicos. Esse último modelo dialoga com os modelos “múltiplas perspectivas”, de Merriman (2004) e “democrático” de Holtorf (2007).

A partir das percepções trazidas pelos modelos “multifocal” de Matsuda e Okamura (2011) “múltiplas perspectivas”, de Merriman (2004) e o modelo “democrático” de Holtorf (2007) que construímos essa pesquisa.

Trazendo para o território brasileiro, as reflexões que dão início a Arqueologia Pública acontecem no bojo do processo de redemocratização política, a partir da década de 1980, com a elaboração e aprovação da Constituição Federal de 1988, que veio garantir e normatizar os direitos dos cidadãos brasileiros e, também a valorização e proteção da diversidade ambiental e cultural. Nesse contexto métodos, práticas, valores e significados de como seriam divulgados os trabalhos arqueológicos passam a ser discutidos (Sousa & Silva, 2017).

Nas duas últimas décadas podemos perceber além da arqueologia pública, o surgimento da arqueologia colaborativa como uma perspectiva interdisciplinar, mais dialógica e de colaboração, para construir o conhecimento sobre o passado de modo mais dinâmico e relacionado ao presente (Silva et al. 2011; Colwell et al. 2020).

Ambas tem se destacado como abordagens socialmente comprometidas em colocar em diálogo, lado a lado, academia e comunidade no processo de construção de conhecimento, sendo marcadas pelo reconhecimento de relações afetivas e de pertencimento que as comunidades que coexistem com o patrimônio arqueológico apresentam, como observamos nos trabalhos de Bezerra (2017) e Mageste et al. (2020) e alguns dos trabalhos produzidos pelos alunos do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Univasf, como o de Macêdo (2019), Martins (2019) e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia na mesma instituição como o de Assis (2021), Macêdo (2021), Castro (2023).

3.2 DA MUSEOLOGIA À MUSEOLOGIA SOCIAL

A Museologia passa a ser considerada campo científico e uma disciplina independente a partir dos anos 1960 no ocidente, deixando assim de ser uma auxiliar dos campos das Artes e da História. A maior expressividade dos trabalhos dentro do referido campo do conhecimento se dedicou principalmente às exposições e coleções dentro dos museus, e análises dos acervos dentro deste espaço determinado. Como Brulon (2008) explica, os museus já eram um fenômeno humano existente há tempos, e a Museologia se fez ciência para atendê-lo. Sendo assim, as discussões em sua maioria estão direcionadas a análise de museus institucionalizados, os conhecidos museus tradicionais, o que começa a tomar novos direcionamentos com a Nova museologia, que ganha força na década de 1980¹⁹. Nesse contexto, a relação museal que antes era formada pelos museus tradicionais, que tinham como foco a tríade homem-objeto-cenário, e que iam de encontro ao público-coleção-edifício, passa a ter como proposta ir ao encontro as comunidade-patrimônios comunitários-território. (Bruno, 1996; Brulon, 2006).

¹⁹ A partir da Mesa-redonda de Santiago do Chile em 1972 iniciou-se o questionamento acerca da percepção tradicional dos museus, sobretudo tendo em vista o os modelos institucionais delimitados pelo ICOM (International Council of Museums). Naquela oportunidade lançou-se a noção de museu integral que buscava tornar suas coleções mais acessíveis, modernizar as técnicas museográficas, bem como promover a conscientização sobre a importância das instituições da América Latina. Inspirado nesse movimento em 1984, a partir do Ateliê de Quebec, e conseqüentemente da Declaração produzida naquele evento é que se delineou os aspectos definidores da Nova Museologia.

Para Santos (2017) a Nova Museologia traz um olhar para novas formas museais que estão diretamente relacionadas à incorporação de outros pontos de vista sobre o patrimônio envolvendo as percepções das comunidades.

Gregorová (1980) descreve a museologia como a relação do homem com a realidade, que envolve coletas intencionais, seletivas e sistemáticas num caminho de conservar esses objetos. Por sua vez Araújo (2012) reflete que antes do museu, já havia uma ação humana de intervir na realidade (natural e humana), reconhecendo nela objetos e elementos a serem guardados, colecionados, exibidos, atribuindo significados a esses objetos. Gregorová, influenciou Guarnieri (1986) que é um dos grandes nomes da museologia no Brasil, definindo a Museologia como a ciência do fato museológico que é constituído pela relação profunda entre o humano e objeto.

Para Scheiner (1992) a Museologia sugere para além do estudo dos museus, outras formas de contato com o público, são elas exposições itinerantes, mostras, atividades extramuros, identificação de novos cenários museológicos como o ecomuseu, o museu comunitário, o patrimônio ambiental, os conjuntos arquitetônicos e urbanísticos ou sítios arqueológicos e seus entornos.

Para Bruno (1996), a expansão da musealização para fora do espaço do Museu é um processo que possibilita que partes de um patrimônio cultural se transforme em herança²⁰, na medida em que são preservadas e comunicadas, movimento semelhante ao que acontece em Tanque do Piauí, o passado do aldeamento São João de Sendé, é trazido como uma herança na transmissão de geração em geração das histórias e afetividades que envolvem os espaços dispostos no território.

Para Santos (1996) a Museologia não está relacionada somente com as ações que são desenvolvidas nos espaços fechados.

Para Pinheiro (2019);

A museologia compreende, assim, uma área de conhecimento que engloba ações que podem envolver a comunicação, a gestão e a pesquisa sobre os mais variados tipos de bens culturais nos museus ou em outros espaços sociais, educacionais ou culturais, visando possibilitar a ascensão da cultura nas mais variadas representações sociais. Dessa forma, o fazer museológico

²⁰ Bruno (2014, p.12) afirma que os museus entre nós representam mais uma herança dos processos de colonização legados pela Europa que, direta ou indiretamente, se valeram das características das paisagens deste território e das correspondentes expressões culturais para alimentarem os seus acervos a partir de distintas percepções estrangeiras, como também influenciaram o surgimento e a formatação de instituições preservacionistas e de pesquisa em diversas regiões do país. Essa influência pode ser vista na distribuição dos museus pelo nosso País, tendo em vista que a maioria dos museus estão nas regiões sudeste e sul. A organização de atividades envoltas da museologia e arqueologia em comunidades rurais no semiárido pela colaboração de academia e comunidade, podem aos poucos ir mudando rumos do futuro dos materiais e das pessoas envolvidas.

possibilita, também, a reflexão sobre as identidades culturais dos diferentes grupos socioculturais, criando um ambiente que contribui para o desenvolvimento humano por meio da valorização dos bens culturais e do reconhecimento da diversidade cultural. (Pinheiro, 2019, p.75)

Para Brulon (2017, p. 66) a museologia é “um ato de valoração em que um emissor produz sentidos e constrói patrimônios”, mesmo comportamento apresentado pela comunidade discutida em nosso estudo de caso, e de outras no sudeste piauiense como por exemplo, São Vitor (Mageste. et al. 2017, 2018) onde um dos moradores montou uma exposição dos fósseis encontrados em uma lagoa da comunidade. E, em Novo Zabelê²¹, uma comunidade que decidiu décadas depois da expulsão de seus moradores das suas terras de origem, que hoje pertencem ao Parque Nacional Serra da Capivara, contar a sua história por meio de um museu comunitário. Essas comunidades são as emissoras dessa produção de sentidos, daquilo que tomam como seu patrimônio, promovendo a instalação dos seus museus comunitários, passando a alargar a noção de patrimônio cultural.

3.4 A NOÇÃO DE PATRIMONIO CULTURAL

De acordo com Choay (2006) no seu livro “Alegoria do Patrimônio”, onde ela traça os caminhos do conceito de patrimônio desde a sua etimologia²² aos movimentos que culminaram na sua reflexão, como o período da revolução francesa, em que durante as batalhas foram destruídas edificações históricas, o que acarretou numa nova compreensão de patrimônio, ressaltando-se a necessidade de se preservá-lo. Dada a urgência da demanda, diversos profissionais se mobilizaram com esse objetivo, criando uma legislação para preservação desses bens nacionais.

Choay (2006) traz a discussão que estava vigente na Europa, durante os séculos XIX e XX, e se expandiu para a América Latina, onde monumentos históricos edificados eram os bens patrimoniais que precisavam ser preservados. Ainda no contexto do século XX se formulam várias cartas com importantes recomendações a respeito da preservação de bens culturais, como: a Carta de Atenas, em 1931, com

²¹<https://www.projetovertedas.org/novozabele>

²²A etimologia de patrimônio vem do latino *patrimonium*, cujo significado é de herança familiar ou do *pater* (pai), o "patriarca", que, no Império Romano, como em geral em toda a Antiguidade, detinha o governo ou poder de dispor sobre seus "pertences vivos" particulares, do cachorro à vovozinha, fazendo o que bem entendesse, do empréstimo e venda à morte. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/patrimonio/> Acesso em 20 de janeiro de 2022.

princípios gerais sobre a proteção do patrimônio; a Carta de Veneza em 1964, que é a Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios; a Carta de Lausanne em 1990 para proteção do patrimônio arqueológico, entre outras documentações importantes.

No Brasil, no que diz respeito a legislação sobre patrimônio, temos o Decreto-Lei nº 25/1937- que dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional (criação do livro de Tombos, inclusive, o arqueológico, etnográfico e paisagístico); o Decreto Lei n.º 3.924/1961- que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos; a Portaria SPHAN nº 07/1988- que orienta a apresentação dos projetos de Arqueologia para aprovação do órgão competente;

O artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que versa sobre o patrimônio cultural;

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.²³

Com base nas definições do artigo que diz respeito ao patrimônio cultural, é possível caracterizarmos o patrimônio cultural de Tanque do Piauí para além dos sentidos afetivos que são demonstrados, mas também de forma oficial, que pode ser compreendida pelos lugares que apresentam justamente, natureza material e imaterial, tomadas em conjunto às pessoas da comunidade, sendo portadores de identidade, memória e a ação. E, ainda que um patrimônio não seja registrado ou reconhecido pelas instituições oficiais, só o fato de ocupar um papel na sociedade, na comunidade como tal, ele simplesmente é patrimônio para aqueles que o veem dessa forma. As estruturas e objetos nas cidades, como em Tanque do Piauí constroem representações, lembranças envoltas do encontro do passado e do presente (Bezerra, 2017; Van Dyke, 2019; Smith, 2021).

Finalmente, a instrução normativa Nº 001, de 25 de março de 2015 (Página 1) estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo IPHAN, quando

²³BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.

instado a se manifestar nos processos de licenciamento ambiental “em razão da existência de intervenção na Área de Influência Direta - AID do empreendimento em bens culturais acautelados em âmbito federal”, e que tem regido o maior percentual da emissão de portarias autorizando a realização de pesquisas arqueológicas. Por sua vez, os casos que não se enquadram no licenciamento ambiental são ainda regidos pela Portaria SPHAN nº 07/1988, fato que testemunha a inexistência de dispositivos legais mais modernos que regulamentem tais pesquisas.

Para Gonçalves (2007) nas últimas décadas, a discussão sobre patrimônio cultural tem crescido em diversas áreas, assumindo dimensão universal, não apenas como fenômeno ocidental moderno, mas voltando-se para as manifestações de funções identitárias das materialidades e imaterialidades na representação de todo e qualquer grupo.

4 - PESSOAS E OBJETOS: CAMINHOS METODOLÓGICOS

No caminho metodológico de nossa pesquisa, com base nos posicionamentos da arqueologia pública e colaborativa e da museologia social, tomamos o caminho de uma prática etnográfica, mas também de uma pesquisa-ação que visou contribuir para o desenvolvimento social, propondo soluções para demandas oriundas da própria comunidade, mas ao mesmo tempo trabalhando coletivamente e colaborativamente para a sua execução. Segundo Thiollent (2000, p.15) “uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação”. Os problemas que estruturaram esta pesquisa surgiram por meio do diálogo com a comunidade de São João de Sene e Tanque do Piauí, e levaram em consideração:

1. A criação de um instrumento para inventariar os bens culturais patrimonializados em São João de Sene.
2. O desenvolvimento de estratégias de musealização dos bens patrimoniais selecionados pelo coletivo.

A escolha dos participantes não foi norteada por critérios probabilísticos. Foi utilizado uma forma flexibilizada do método *snowball sampling*, ou cadeia de referências, método qualitativo onde os próprios participantes vão indicando a partir da sua rede de conhecidos potenciais interessados em contribuir com a pesquisa (Biernacki e Waldorf, 1981). Em geral foram pessoas que tinham interesse ou algum conhecimento acerca de iniciativas culturais, ou da história do Aldeamento de São João de Sene. Por se tratar de uma comunidade pequena não foi difícil acessar essas pessoas. Através de redes sociais e programas de trocas de mensagem pudemos acessar aquelas que não residiam mais na cidade, mas que também tinham adesão às temáticas em questão.

De fato, esse recorte fez com que um percentual relevante dos moradores da região que desconhecia a temática não fosse contemplado, porém ações de caráter

público como a visitação do circuito turístico, palestras e as exposições arqueológicas conduzidas durante o Festival de Cultura, por exemplo, puderam representar uma educação patrimonial junto aos membros da comunidade não participantes.

No que diz respeito a prática etnográfica corrobora-se com a visão de Rocha e Eckert (2008) para os quais tal prática consiste na convivência entre aquele que está pesquisando e a comunidade pesquisada, por meio de técnicas de pesquisa como a observação participante, as conversas informais e formais, e entrevistas.

Durante esse processo o uso da ferramenta do inventário participativo, aliado as fontes imagéticas (fotos, mapas, croqui) para melhor ilustração do trabalho, contribuiu para que, em conjunto com os participantes, fosse possível elencar os bens patrimoniais para posterior construção das estratégias de musealização, conforme os problemas estruturantes apresentados.

4.1 ETNOGRAFIA

O método etnográfico ganhou força em 1922, quando o antropólogo Bronislaw Malinowski publicou o livro “Argonautas do Pacífico Ocidental”, no qual relatou os anos em que viveu entre os trobriandeses, o que possibilitou o desenvolvimento da “observação participante” que buscava focar na perspectiva de mundo dos nativos e não no pesquisador e na sociedade ocidental em que ele está inserido (Chiesa; Fantinel, 2014).

Desenvolvido inicialmente na antropologia, mas trabalhado por diversas áreas do conhecimento, o método etnográfico pode ser definido como um processo de observação do “outro” e a experimentação de seu cotidiano para descrever como determinado grupo se organiza e vive (Ingold, 2008; Peirano, 2014).

Para Angrosino (2009) a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano, suas instituições, seus comportamentos, crenças e produções.

A pesquisa etnográfica promove o exercício do pesquisador se desapegar da estrutura social que ele está inserido, para olhar e escutar os outros, e se permitir experienciar esse processo, conforme exposto por Rocha e Eckert (2008).

A acuidade de observar as formas dos fenômenos sociais implica na disposição do(a) pesquisador(a) a permitir-se experimentar uma sensibilidade emocional para penetrar nas espessas camadas dos motivos e intenções que conformam as interações humanas, ultrapassando a noção ingênua de que a realidade é mensurável ou visível, em uma atitude individual. O observar na pesquisa de campo implica na interação com o outro evocando uma

habilidade para participar das tramas da vida cotidiana, estando com o outro no fluxo dos acontecimentos. Isto implica em estar atento(a) as regularidades e variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais para além das suas formas institucionais e definições oficializadas por discursos legitimados por estruturas de poder (Rocha; Eckert, 2008, p.4).

A perspectiva etnográfica insere o pesquisador na posição de estar em campo ouvindo, observando de maneira atenta, silenciando para ouvir os protagonistas da nossa pesquisa, e tentando de alguma forma passar para nosso trabalho, uma perspectiva que busque fugir da imagem do pesquisador colonialista. Essa perspectiva trazida para a arqueologia, em campos como da arqueologia pública e colaborativa tem sido e pode ser cada vez mais útil, visto que ambas possuem objetivos e técnicas semelhantes na relação com a comunidade envolvida na pesquisa (Bezerra, 2011).

Considerando o cenário teórico-metodológico acima exposto, diversas visitas foram realizadas a localidade de São João de Sene e ao município de Tanque do Piauí durante os anos em que a pesquisa foi desenvolvida. Foram criados laços de afetividade com os participantes, de modo que eles se sentiram confiantes a ponto de mostrar seus lugares de memória, contar sobre a vida na região, sobre o interesse de trazer mais visitantes, e entregar aos cuidados do Laboratório de Arqueologia Pré-histórica da Univasf para a realização de curadoria e pesquisa, parte dos achados fortuitos que até então guardavam em suas casas. Nesse sentido, constituiu-se uma colaboração entre comunidade e universidade, que tem ido muito além da pesquisa arqueológica que motivou as visitas iniciais, e que certamente acarretará ainda em muitos bons frutos para ambos os lados envolvidos.

4.1.1 Diálogos e Entrevistas

Para além das nossas observações e diálogos em campo, também foram realizadas as entrevistas. Neste trabalho entendemos as entrevistas enquanto um processo de interação social entre duas ou mais pessoas na qual uma delas, ou parte delas, se coloca na posição de entrevistador, com o objetivo a obtenção de informações daquele que ocupa a posição de entrevistado, assim define Haguette (1997).

Para o registro das entrevistas, após o pedido e concessão de autorização, objetivou-se deixar os entrevistados o mais à vontade possível, por esse fato foram

utilizados dois métodos nas entrevistas, semiestruturada²⁴ e aberta²⁵. Também foi utilizada a entrevista em grupo. O método escolhido se adaptou a cada ambiente e situação, e pretendeu deixar os entrevistados confortáveis. Levamos questionamentos iniciais e conforme as respostas destes seguimos dialogando. Segundo Boni e Quaresma (2005) as técnicas de entrevista aberta e semi-estruturada trazem como vantagem uma interação que permite respostas espontâneas, promovendo proximidade entre os participantes. Para estes autores “quanto menos estruturada a entrevista, maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes” (Boni & Quaresma, 2005, p.75).

Para a concretização desta pesquisa foram realizadas cinco entrevistas, que corresponderam a um total de oito entrevistados. A finalidade das entrevistas foi captar as narrativas locais para transformá-las, junto a materialidade dos espaços e objetos nos dados necessários para a construção deste trabalho.

A primeira entrevista aconteceu na Comunidade Salobro abordando a história do novenário de Nossa Senhora da Conceição. Os entrevistados foram questionados sobre a origem e desenvolvimento do festejo. Nesse momento foram entrevistados em grupo:

Raelmilton Rodrigues dos Santos (42 anos, sindicalista rural, agricultor e morador da Comunidade Salobro)

José Ferreira Mota (60 anos, sindicalista rural, morador da Zona Urbana de Tanque do Piauí, e detentor de uma roça na Comunidade Rancharia, onde desenvolve atividades agrícolas. Também conhecido como Zé Pequeno).

²⁴ As entrevistas semi-estruturadas (sic) combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (Boni & Quaresma, 2005:75).

²⁵ A técnica de entrevistas abertas atende principalmente finalidades exploratórias, é bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados. Em relação a sua estruturação o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal. A interferência do entrevistador deve ser a mínima possível, este deve assumir uma postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista, pode interromper a fala do informante. (Boni & Quaresma, 2005, p.74)

Josiana Nunes Cunha (44 anos, sindicalista rural, moradora da Zona Urbana de Tanque do Piauí).

Antônio Alves de Anunciação (50 anos, morador da Zona Urbana de Tanque do Piauí, Assessor especial da gestão municipal. Também conhecido como Toinho).

Na segunda e terceira entrevista que aconteceu no Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município, os participantes foram questionados acerca dos locais que são associados a ocupação indígena e o que se sabia sobre eles. Foram novamente entrevistados:

1. José Ferreira Mota
2. Antônio Alves de Anunciação

Na quarta e quinta entrevista que aconteceram em São João de Sene, também foram abordados os locais que têm sido associados à ocupação indígena e as histórias que se contavam sobre eles, foram entrevistados:

Eliete Nunes da Costa (51 anos) e Maria Franceilza de Sousa (31 anos), ambas agricultoras e moradoras de São João de Sene.

Benedito de Araújo Costa (80 anos, aposentado, morador de São João de Sene).

Figura 2: Registro de entrevista em grupo na comunidade Salobro.



Ressalta-se que os resultados das entrevistas realizadas compõem a memória coletiva dessas pessoas, expressa na tradição oral passada de geração em geração. A memória coletiva que é fenômeno coletivo e social, construído por grupos sociais, se apresenta em quadros temporais, através dos testemunhos, segundo Halbwachs (1950).

3. 2 INVENTÁRIO PARTICIPATIVO

No ano de 2000, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, publica o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, enquanto uma ferramenta para a própria instituição de identificação, documentação e consequentemente preservação dos bens culturais brasileiros, tanto materiais, quanto imateriais. Elencados nas categorias; saberes, celebrações, formas de expressão e lugares (IPHAN, 2000).

Como já dito, o INRC era ferramenta de uso restrita ao IPHAN até 2009, quando é publicada uma instrução normativa que dispõe condições de autorização²⁶ para aplicação do INRC por pessoas externas à instituição. (Motta E Rezende, s/a ²⁷)

De 2011 a 2013, com base nas ferramentas como o INRC, o IPHAN participando da atividade de educação patrimonial do Programa Mais Educação, da Secretaria de Educação Básica do MEC, desenvolve o inventário pedagógico²⁸, que traz um conjunto de fichas para reunir informações dos diversos bens culturais (lugares, objetos, celebrações, formas de expressão e saberes) a partir do olhar dos estudantes. (IPHAN, 2011, 2013 e 2016)

Em 2016, em razão de solicitações de técnicos do IPHAN, setores do Ministério da Cultura e organizações da sociedade civil que observavam o potencial da ferramenta do inventário pedagógico, para além do programa Mais Educação, o IPHAN adapta esse material para o público, através da publicação do manual de aplicação intitulado *Educação Patrimonial: Inventários Participativos*²⁹, para que fosse instrumento das comunidades na identificação do patrimônio que lhe diz respeito e, ferramenta para a mobilização social em torno do tema da valorização do patrimônio cultural (IPHAN, 2016).

²⁶ Disponível em; <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/686/> acesso 31 de junho de 2022.

²⁷ Disponível em; <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/64> acesso em 31 de junho de 2022.

²⁸ Disponível em; <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/582/> acesso 31 de junho de 2022.

²⁹ Educação Patrimonial: Inventários participativos. Manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.

O inventário participativo é visto como uma ferramenta de educação patrimonial que visa a proteção das referências culturais materiais ou imateriais de um povo, na qual a população é protagonista para inventariar, descrever, classificar e definir o que considera como patrimônio cultural (IPHAN, 2016).

Posto isso, a partir do nosso contato com a referida publicação, aliado a fundamentação nas proposições da museologia social e arqueologia pública que culminam no objetivo de que nós profissionais construamos o conhecimento junto às comunidades, realizamos a construção de um inventário participativo.

Vale salientar que a ferramenta do inventário participativo aqui descrita, não substitui os procedimentos de formalização de reconhecimento institucional por parte dos órgãos oficiais de preservação, mas, ainda assim é considerado por nós enquanto uma ferramenta que torna democrática a construção do conhecimento, sem a existência de sobreposição de saberes, promovendo a aproximação entre eles.

Com isso fizemos a utilização de três fichas de categorias apresentadas no manual de aplicação do IPHAN de 2016, enquanto referência para as fichas que utilizamos na pesquisa, foram elas:

- I. **Ficha de Lugar** – Composta pelo nome, o que é o lugar, onde se localiza, história, se tem períodos importantes associados, significados, elementos naturais e construídos, se existem vestígios arqueológicos, atividades que acontecem no local, estado de manutenção/conservação e observações.
- II. **Ficha de Objeto** – Nome, onde está, história, significados, medidas, manutenção/conservação e observações.
- III. **Ficha de Celebração e/ou Manifestação cultural** – Nome, o que é, onde está, períodos importantes, história, significados, pessoas envolvidas, expressões, objetos importantes, outros bens culturais relacionados, observações

A composição das fichas foi acontecendo em campo pelo nossos interlocutores com o nosso auxílio, pelo contato remoto pelo aplicativo WhatsApp³⁰, que tornou possível nosso diálogo constante, inclusive durante a pandemia do Covid-19, atuando

³⁰ O contato aconteceu inicialmente dessa forma em decorrência da pandemia do Covid-19.

concomitantemente com as atividades do PET-Arqueologia. No capítulo seguinte apresentam-se os resultados, por sua vez as fichas seguem em anexo³¹.

5 O MUSEU JÁ ESTÁ AQUI: UMA EXPOSIÇÃO A CÉU ABERTO EM TANQUE DO PIAUÍ

Desde 2018 com início das pesquisas do PET-Arqueologia em Tanque do Piauí, que seguem até hoje, fomos conduzidos pelos nossos interlocutores pelo seu território, e posteriormente registramos em conjunto esses locais. Essas pessoas demonstraram um conjunto de lugares que eram importantes para eles, e que mais tarde, em conjunto, se configurariam enquanto uma espécie de roteiro turístico/cultural³², que podemos interpretar como uma exposição a céu aberto. Nela não há necessariamente uma ordem para a visita dos locais, ainda que as condições climáticas, distância e dificuldade de acesso possam interferir na visita. Os locais inicialmente apresentados foram: São João de Sene, Salobro, Rancharia, Angical e Ferreiro (município de Várzea Grande)³³. Ainda que Ferreiro se encontrasse fora dos limites de Tanque do Piauí, devido ao seu significado, e a proximidade dos outros locais, é um ponto de grande visita pelas pessoas na cidade, e nós também fomos levados até lá.

³¹ De modo que as informações dispostas nas fichas serão apresentadas a seguir em forma de texto, as fichas foram colocadas em anexo.

³² Atualmente, acontecem visitas de grupos escolares, universitários, pesquisadores, turistas, TVs locais, principalmente em torno dos pontos relacionados ao aldeamento.

³³ A comunidade Salobro que abriga a igreja de Nossa Senhora da Conceição que é a materialização de uma devoção em Tanque que já passa dos 200 anos, as comunidades Ferreiro e Rancharia onde foram encontrados materiais arqueológicos como cerâmicas, cachimbos e urnas, que serão detalhadas mais a diante.

Figura 3: Localização das comunidades mencionadas.

Google Earth, adaptado pelos autores, 2023.

Percebemos que esses locais que percorremos junto aos moradores poderiam ser definidos como lugares de memória, assim como patrimônio cultural local, observando o que eles evocam para as pessoas ali.

Conforme trabalhamos (Castro e Costa, 2020), compreendemos os lugares de memória em Tanque do Piauí nos apropriando do conceito elaborado por Nora (1984), ainda que o autor se refira a esses lugares como oficiais (museus), caracterizados pela coexistência de três aspectos: material, simbólico e funcional, podemos dizer que tais aspectos estão presentes nos pontos que fazem parte do circuito de visitação mencionado.

Constatamos ainda que as narrativas da tradição oral para além desses locais que são visitados, resultaram também no livro de Carvalho e Nunes³⁴ (2016) e no Festival de Cultura de São João de Sene. Através dessas manifestações, compreendemos o quanto o passado indígena da região é considerado importante pelos moradores de Tanque do Piauí.

Em Tanque do Piauí, os moradores se relacionam com o passado indígena, e o inserem em sua dinâmica cultural. Podemos perceber isso em ocasiões diversas. Em

³⁴ Filhos e netos dos primeiros moradores de São João de Sene.

junho de 2019, por exemplo, quando participamos da Semana do Meio Ambiente ³⁵ realizada pela Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMAR do estado do Piauí, na programação havia visitas ao Poço Feio e as Ruínas do aldeamento, duas localidades inseridas nas narrativas indígenas. Dentro da programação daquele evento, a “Expedição exploratória pelas trilhas dos Acroás e Gueguês”³⁶ que começou em Amarante e seguiu para Regeneração³⁷, no final do dia deveria ser concluída com a visita em Tanque do Piauí. O Poço Feio não foi visitado devido ao horário, mas o fato interessante, foi ver ali envolvidos os moradores da sede e de São João de Sene, ambos empenhados e animados no intuito de mostrar as ruínas, um deles levava um banner sobre a nossa pesquisa e fazia questão de mostrar aos novos visitantes que ali estavam. Demonstrando orgulho pela importância histórica do lugar e concomitantemente pela realização de pesquisas acadêmicas em seu território.

Na mesma sintonia estão a organização do Festival de Cultura de São João de Sene, a pequena biblioteca comunitária na casa da Deocleciana, e os movimentos de algumas pessoas que se dedicaram a escrever sobre o seu lugar. São essas ações que interpretamos como semelhantes a musealização da Arqueologia que para Bruno (1996) trata do envolvimento dos procedimentos metodológicos de museologia aplicados à realidade da arqueologia, como, coleta, documentação, investigação e comunicação. De certa forma é isso que ocorre com a comunidade em Tanque do Piauí, eles estão buscando à sua forma documentar, investigar e comunicar sobre sítios e artefatos arqueológicos. Com essa finalidade tem se produzido, ao longo de suas trajetórias, atividades e ações referentes a materialidades arqueológicas, ainda que não soubessem ou tivessem tido o contato com o “arqueológico”.

Podemos ainda incorporar à essas ações a exposição dos Banners do PET-Arqueologia no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, na Prefeitura e na Igreja do Salobro, e que circulam virtualmente através de arquivos PDF, que são impressos por nossos interlocutores para divulgação.

A nossa parceria tem sido ainda utilizada como justificativa para o desenvolvimento cultural no âmbito político. Segundo contam os mesmos interlocutores ao serem questionados por representantes políticos do Estado, sobre a falta de projetos

³⁵ Programação da Semana do Meio Ambiente promovida pela SEMAR-PI. Disponível em http://www.semar.pi.gov.br/wagtail/home_page/noticias/programacao-especial-semana-do-meio-ambiente-o-dia-mund-156/

³⁶A expedição foi filmada pela TV meio norte pelo Programa Caminhos e Trilhas: disponível em <https://youtu.be/xm8mUI7nEgo>.

³⁷ Cidades vizinhas de Tanque do Piauí.

de cultura, mencionam a existência de uma parceria com estudantes e pesquisadores do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF.

E ainda, é possível mencionar o compartilhamento das nossas fotos apresentando trabalhos em São Raimundo Nonato-PI, Juazeiro-BA, em São Paulo-SP, assistindo e compartilhando minha apresentação no II Seminário de Teoria Arqueológica Contemporânea do PPARque-Univasf. A leitura que se faz é de que aquelas pessoas valorizam as pesquisas que o PET-Arqueologia tem produzido com os patrimônios ali existentes, e como o nome de Tanque do Piauí e São João de Sene tem sido mencionados no meio acadêmico.

Para Santos (1996), ações como essas, ainda que aconteçam fora de espaços fechados e/ou institucionais, vão sim ao encontro da Museologia.

5.1 SÃO JOÃO DE SENE: Bens culturais

A história do território de Tanque do Piauí, em específico da atual comunidade de São João de Sene³⁸, começa a ser apresentada aqui, como já dito, a partir do século XVIII, onde com o processo de colonização do estado do Piauí, ocorreu a fundação do aldeamento São João de Sende, de acordo Miranda (2005) e Oliveira (2007) e nossos interlocutores, os moradores locais³⁹.

No quadro abaixo estão as informações apresentadas por Castro (2020) referentes a linha do tempo do aldeamento.

TRAJETORIA HISTORIOGRÁFICA DO ALDEAMENTO DE SÃO JOÃO DE SENDE	
Junho de 1765	Gueguê são rendidos pelo tenente-coronel João do Rego Castelo Branco.
09 de outubro 1765	Chegada do tenente-coronel com os Gueguê a Jerumenha (os Gueguê magoados pelos ataques sofridos, pedem para serem aldeados o mais longe possível).
29 de novembro 1765	São aldeados 434 índios Gueguê em São João de Sende.
1766	Chegada da figura religiosa, que foi o franciscano Manuel de Santa Catarina, que permanece até fevereiro de 1773.
1768	Contava-se com 337 indígenas.

³⁸Estrada de pedra e ruínas indígenas guardam histórias e mistérios de Oeiras. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6694997/>.

³⁹Essas informações podem ser aprofundadas por meio de intervenções arqueológicas que busquem esses dados, que é uma das propostas do PET – Arqueologia.

1772	Contava-se com 252 indígenas.
1778	São transferidos de parte dos Gueguê em São João de Sende para o aldeamento de São Gonçalo em Amarante-PI. No mesmo ano houve uma fuga no aldeamento, que teria sido coliderada por um escravo negro.
1779	Os Gueguê resistem à ameaça de extinção do aldeamento.
1782 a 1784	Contava-se 19 indígenas.
1786	Fechamento do aldeamento.
1789	Desocupação total

Quadro 1: Informações historiográficas que remontam sobre a história do Aldeamento. Fonte:Castro (2020)

Segundo Carvalho e Nunes (2016) aproximadamente 100 anos depois do fim do Aldeamento, em 1886, sob a jurisdição de Oeiras- PI, as terras foram doadas para moradores da região, já com a mudança de nome para São João de Sene, que segundo os autores, pode ter sido em decorrência de um erro ortográfico, ou oriundo da planta sene, como já mencionado.

Segundo consta nos relatos, seu primeiro dono foi o capitão Marcos de Araújo Costa, pai de Raimundo de Araújo Costa, o Mundoco de São João de Sene, cujas terras pertenceram a comarca de Oeiras, até o povoado de Santa Rosa, também pertencente ao município de Oeiras, emancipar-se. Atualmente está jurisdicionado ao Município do Tanque do Piauí, PI, desde 1995. Como maior parte da área rural brasileira, São João de Sene não tem registros da sua história. O que sabemos hoje é fruto da tradição de se passar os fatos de pai para filho, tudo em função do nível cultural das pessoas. (CARVALHO E NUNES, 2016:41)

A posse definitiva das terras segundo moradores se deu em 1892 através do primeiro registro documental, mas antes desse ano já eram ocupadas. No início de 2020 a comunidade contava com cerca de 100 habitantes distribuídos em 23 casas, todos com laços familiares, mas durante a pandemia houve a mudança de alguns membros.

Como apresentado anteriormente, a comunidade de São João de Sene, se formou no local onde no passado houve o estabelecimento do Aldeamento São João de Sende, e esse fato não passou despercebido pelo seus moradores. Ao buscar o conhecimento desse passado testemunhado pela existência de uma materialidade diretamente ligada ao aldeamento, que faz parte do ambiente em que vivem, percebeu-se a importância do lugar. Concomitantemente foram produzidas suas próprias interpretações dessa história, culminando com o interesse de mostrar aos interessados os locais que são atribuídos a ocupação indígena, e mesmo aqueles em que não há evidências materiais, mas que em seu imaginário tem alguma relação com o período. São estes a nascente “Vai e não

torna”, as ruínas remetidas ao aldeamento, o mirante da torre de pedra, um antigo cemitério e o local chamado de Igreja Velha, estes dois últimos contíguos.

Figura 4: Locais associados ao aldeamento.

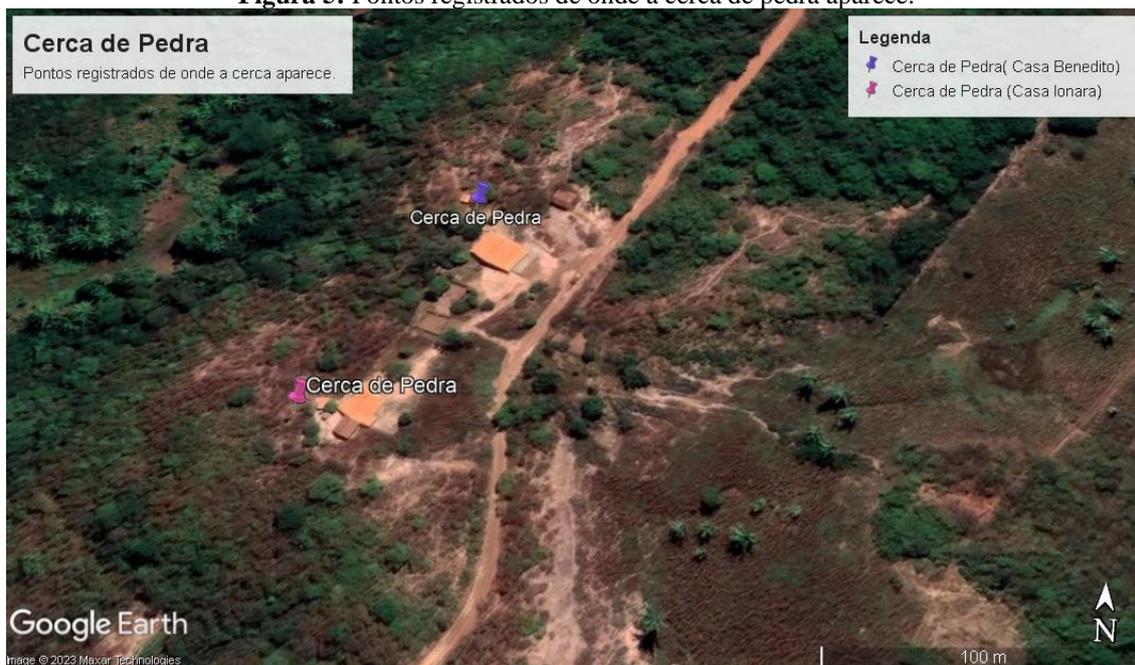


Google Earth, adaptado pelos autores, 2023.

4.1.1 Cerca de Pedra

A cerca de pedra pode ser visualizada aos fundos da casa de seu Benedito Nunes (Sr. Ditin) e da casa de sua neta Ionara Nunes, ambas as casas têm uma de distância de aproximadamente 100 metros.

Figura 5: Pontos registrados de onde a cerca de pedra aparece.



Google Earth, adaptado pela autora, 2023.

A cerca de pedra trata-se de uma estrutura linear composta por pedras, que segundo o Sr. Ditin, sempre estiveram ali, mas ele diz não saber quem fez. Já outros moradores, como Ionara e Tainá relatam que ela foi feita no tempo dos indígenas, e que esses foram obrigados a fazê-las, a fala de ambas pode se relacionar ao fato que historicamente as cercas de pedra foram construídas com mão de obra escravizada com a finalidade de delimitação ou represamento de água como pode ser visto em outros locais no estado do Piauí (Negreiros, 2012; Almeida Neto, 2016; Vieira, 2017).

Esse tipo de estrutura é conhecida na literatura como “cercas de pedra” (Ferreira et al., 2017). No mais a densa vegetação espinhosa impede um caminhamento sistemático no entorno e a medição de seu comprimento que segundo os moradores é longo, em alguns pontos sumindo, e em outros reaparecendo (Costa, 2022).

Figura 6: Cerca de Pedra, registro entre as casas de seu Benedito Nunes e Ionara Nunes.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia

Figura 7: Cerca de pedra, aos fundos da casa do seu Ditin.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia.

Nesse trecho aos fundos da casa do Sr. Ditin, há um pequeno aterro com piso batido contíguo, possivelmente resquícios de uma casa de apoio ou depósito da propriedade. Em relação as pedras da estrutura, foi analisado que as da cerca de pedra são bem menores e sobrepostas de modo mais aleatório do que aquelas utilizadas na Ruínas do aldeamento (Costa, 2022).

Mas se entende a importância da delimitação dessa cerca, o que deve ser realizado nos próximos passos de trabalho do PET-Arqueologia.

5.1.2 “Vai e Não Torna”

O vai e não torna, eu ouvia a história de que era água mais próxima que tinha dos índios, eles moravam mais em cima, e que as pessoas que se aproximava, naquele tempo aqui era bem mais pouca gente né, e as pessoas que se aproximavam lá, tinha confronto com os índios, eles matavam essas pessoas, muita gente perdeu a vida lá, e as pessoas não voltavam, por isso a origem do nome, se é verdade eu já não sei (Sr. Ditin).

O Vai e não torna se trata de uma nascente que está dentro na área de residência e propriedade de Dona Eliete, moradora de São João de Sene, interlocutora desse trabalho. A nascente compõe um lugar de memória que está constantemente presente nas narrativas dos moradores de São João de Sene e de Tanque quando se fala em indígenas. As narrativas construídas sobre o desaparecimento de pessoas que iam até lá e não retornavam sugerem práticas de canibalismo praticadas pelos indígenas que viviam no local. Fato que alguns dos nossos colaboradores discordam, ao afirmar que apenas animais desapareciam na nascente (CASTRO, 2020).

Figura 8: Vai e não torna.



Acervo PET-arqueologia, 2019.

Os moradores colocam que, desde que se entendem por gente, ouviam essas histórias sobre o “Vai e não torna”. Dona Eliete relata o porquê do nome da nascente existente na sua propriedade. Segundo ela, o lugar era “*onde os bichos desciam para beber água*” e “*pessoas iam também*”, e durante a ocupação indígena, “*quando os animais iam beber água, sumiam*”. Ela conta ainda que há também casos de vaqueiros

que sumiram: “porque *tinha essa questão quando vinha um vaqueiro atrás dos bichos, isso eles só relatavam que eram vaqueiros, porque era o lugar onde os bichos vinham beber água*”. Com isso as pessoas foram chamando de Vai e não torna, como é conhecido até hoje. Mas Dona Eliete também fez questão de nos contar sobre a existência de outro relato sobre a nascente, um relato que não é tão difundido como o já apresentado, que, segundo D. Eliete, é “*outro relato muito bonito*” que ouvia da sua avó e de sua mãe de que “*essa água é bentificada, agora o porquê eu não sei dizer, mas diz que quando as crianças gripavam, tinham febre, só melhorava se tomasse um banho com essa água... e que no período de chuva era o lugar dos arco-íris baixar*”. Eliete e Franceilza que também moram bem próximo a nascente destacam ainda o fato da nascente ser a única salobra dentre todas as existentes na região, que é rica em nascentes.

Dona Eliete me explicou que “*tem muita coisa interessante aqui, a gente já encontrou peças, que se acredita que era arma dos índios*”, uma dessas peças que ela se refere foi encontrada pelo morador José Luiz, ele explica que achou o material próximo a nascente, embaixo de um pé de manga, há aproximadamente 25 anos atrás.

Figura 9: Material encontrado pelo morador José Luiz, sob guarda de Tiago Nunes



Fonte: Edson Oliveira, 2022.

Como podemos ver o material se trata de uma lâmina polida, que foi guardada por José Luiz e família durante esses anos desde quando foi encontrada. Durante esse período a mesma já foi utilizada para esticar couro de animais, mas atualmente ela não

desempenha mais essa função, e segue sendo guardada pelo filho de José Luiz, Tiago que também reside na propriedade.

Tiago, um de nossos interlocutores neste trabalho, explica que faz questão de se encarregar da guarda do objeto e ser responsável por mostrá-lo aos visitantes que por ali passam.

Ainda fazendo referência as “coisas interessantes” que Dona Eliete diz existirem na região, outros dois moradores, Sr. Raimundo e Dona Teresa, nos mostram um cachimbo que encontraram há cerca de sete anos nas proximidades de um lugar chamado pedra da santa.

Figura 10: Cachimbo guardado por Dona Teresa e seu Raimundo.



Acervo PET-Arqueologia, 2022.

Dona Teresa explica que esse cachimbo é para ela como se fosse um tesouro, a partir desse momento, e outros como esse, é possível compreender como a materialidade e imaterialidade que compõem o patrimônio em Tanque do Piauí encontram ressonância⁴⁰ junto aos moradores do local.

De acordo com Wichers (2015, p.15), a perspectiva da Arqueologia Pública, entendida como Arqueologia Etnográfica, e as práticas comunitárias em memória e

⁴⁰ Segundo Gonçalves (2007:215) a noção de ressonância apresentada por Stephen Greenblatt, se refere: “ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante”.

Museologia Social possibilitam a necessária mediação entre olhares, possibilitando essa ressonância.

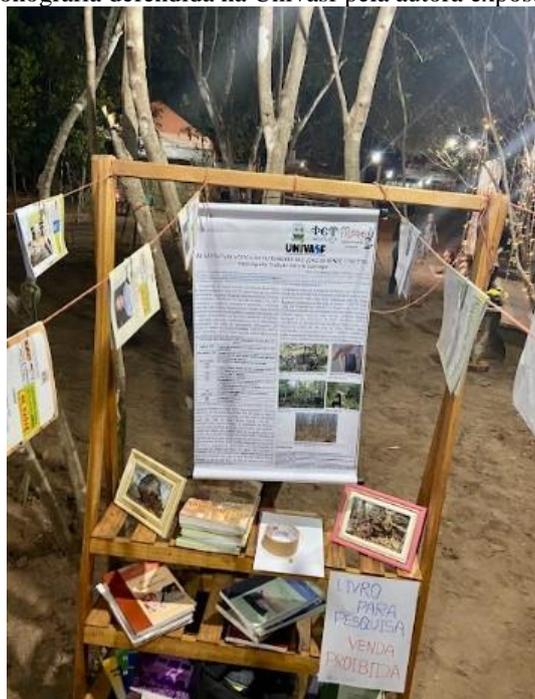
Ao longo dessa pesquisa não diria que fomos nós que possibilitamos a ressonância da materialidade arqueológica, porque essa já estava lá, mas provavelmente tenhamos contribuído para tanto, observando o fato que nossa presença foi usada por nossos interlocutores (que são um recorte dos moradores locais) para agregar mais pessoas ao Festival de Cultura⁴¹, por exemplo. Ainda que outros elementos como o incentivo da prefeitura local, e a valorização de outras expressões culturais também tenham contribuído para chamar atenção daqueles moradores que não demonstravam tanto interesse pelo patrimônio arqueológico.

Durante o Festival de Cultura, e as exposições arqueológicas organizadas pelo PET-Arqueologia naquele evento, foi perceptível a ação dos moradores de chamarem a atenção dos mais jovens para aqueles objetos antigos e para o significado atribuído pelas pessoas da universidade: “olha a universidade está aqui”, percebendo a importância desse lugar, os convidando a olhar pra esse contexto, no intuito de que as demais pessoas que não tinham uma relação com a materialidade, estabelecessem uma relação, e ainda apresentando para as pessoas de outras cidades que passavam por ali.

Observamos que individualmente e em coletivo, nesse processo fomos ferramenta de documentação e colaboração, que fomos abraçados pela comunidade com a nossa chegada, e nossas produções têm sido usadas por eles como fonte de socialização da história local, é o que tem acontecido com os Banners, a monografia (Castro, 2020) e o artigo publicado recentemente (Castro e Costa, 2022). Na quarta edição do festival, Sr. Sebastião, um dos idealizadores, pediu para que fizesse um banner da monografia para divulgação, e assim foi feito.

⁴¹ Será discutido detalhadamente mais adiante.

Figura 11: Banner da monografia defendida na Univasf pela autora exposto no IV Festival Cultural.



Acervo PET-Arqueologia

5.1.3 Casa dos Padres Franciscanos e/ou Ruínas do aldeamento



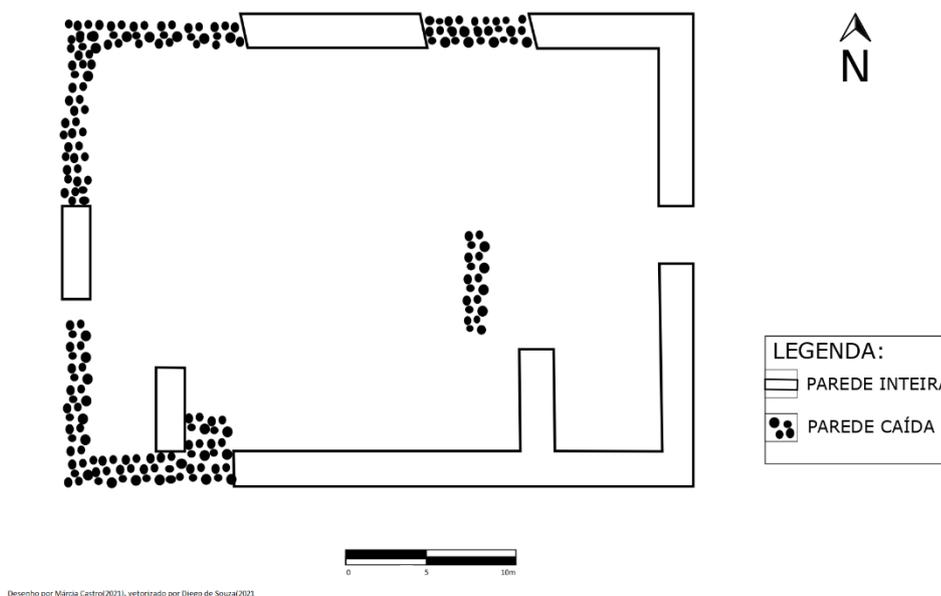
Figura 12: Ruínas do Aldeamento. Acervo de Sebastião Carvalho

As ruínas descritas pelos moradores como pertencentes ao aldeamento de São João de Sendé, correspondem a uma área onde há estruturas de pedras empilhadas parcialmente desabadas, encobertas por vegetação e folhas caídas e marcada pela existência de afloramentos naturais, cujas rochas foram aproveitadas na construção.

O barro foi utilizado para afiação das pedras, a parte onde é possível ver as estruturas ainda de pé tem pontos com altura de 68 centímetros e pontos com 110 centímetros de altura. A estrutura, relativamente pequena, ocupa um espaço de aproximadamente 29x13 m.

Nesse espaço identificamos além das cercas de pedra visíveis sobre a superfície, um pequeno portal em arco desmoronado feito com as mesmas rochas utilizadas nas cercas/muros e um "calçamento" nos fundos da estrutura que pode ter sido utilizado enquanto o local estava em uso. A forma do local apresenta além do retângulo principal, uma pequena compartimentação, conforme pode ser constatado no croqui do sítio (Costa, 2022, p.16).

Figura 13: Croqui da Estrutura de pedras.



Desenho por Márcia Castro (2021), vetorizado por Diego de Souza (2021).

Os moradores com quem temos dialogado descrevem que na sua infância as estruturas estavam em melhor estado, um deles, Sr. Ditin, descreve o que ele sabe sobre as estruturas vem de ouvir falas dos mais velhos que: “*contavam que ali tinha sido um aldeamento, outros já diziam assim que tinha uma igreja dos padres jesuítas*”, e que desde o tempo de sua infância que conhece essas estruturas

“*elas eram mais altas, mais aí veio os bichos, e as chuva e foram derrubando, não foi tanto bicho como a chuva né!*” mas que mesmo assim, “*ainda hoje tem os*

compartimentos, as paredes, tá tudo lá, era tudo muito bem-feito, feito de pedra né, com duas linhas e os paredões de pedra, ainda tem as divisões lá, ainda tá visível para as pessoas ver”.

E Sr. Ditin finaliza trazendo sua interpretação sobre o lugar: *“assim... não parecia uma igreja, tinha muito compartimento, eu acho que mais uma residência mesmo”.* Também temos o relato de Franceilza, que explica que o que sabe sobre o local *“é que passagem desses índios aqui, foi só uma passagem, aí a gente sabe que tem ali umas ruínas, que se acredita que foi feito por eles”* fato que ela atribui ao *“porque se diferem das construções escravocratas que são as pedras empilhadas, a construção lá é mais sólida, mesmo com a chuva e tudo, ainda tem resto das ruínas lá”.* Franceilza explica que mesmo formada em outra área, gosta de história e por isso lê sobre, e se interessa pelo contexto histórico local.

O local dessa estrutura ainda remonta à vivências não tão distantes dos dias de hoje na comunidade. Ela era conhecida como “Casa almada”⁴², e as pessoas optavam por não passar por locais como esse durante a noite, pois era o horário mais propício para aparições.

Em decorrência de tal fato conta-se que mulheres grávidas ao sentirem a dor do parto no período noturno tiveram que lidar com o medo dos seus maridos de buscarem a parteira a noite, pois eles tinham receio de passar pela casa almada, e com isso só buscavam a parteira quando saía a luz do sol. A partir daí, os pais das moças, no intuito de avaliar a coragem dos pretendentes de suas filhas, tinham como praxe perguntar-lhes se passariam pelas casas tidas como almadas durante a noite, os rapazes que passavam a noite por esses lugares se tornavam os pretendentes mais cobiçados (Castro, 2020).

Nossos colaboradores mais jovens que vivem na localidade explicam que nunca presenciaram tais situações, sabem e reproduzem, porque foram histórias que ouviram os mais velhos contarem.

Em dezembro de 2021, foram realizadas dentro da área cercada três sondagens de 1m², estas se estenderam até em torno de 30cm de profundidade, sem evidenciação de cultura material no local. Foram realizados também três poços-testes, sondagens aleatórias medindo em torno de 20 cm quadrados (largura da pá e/ou enxada utilizada) e profundidade em média de 25 cm, a depender da presença de raízes mais grossas ou do afloramento de rochas. A realização dos poços-testes se deu apenas na área externa às

⁴²As casas almadas, é como é chamada em Tanque do Piauí, casas habitadas por almas penadas/assombrações/aleivosias/encantados.

cercas de pedra, e o objetivo foi evidenciar atividades nessa área, e delimitar o sítio para além dos seus limites. Os poços testes também não revelaram até o momento nenhuma cultura material. (Costa, 2022)

Reginaldo Miranda, importante pesquisador da temática indígena no Piauí, ao visitar o local no dia 16 de julho, durante a realização do IV Festival de Cultura de São de João de Sene, nos falou que a estrutura para ele remete a uma Igreja pela forma retangular, e aparente ausência de repartições (apenas um compartimento foi identificado, como se vê no croqui apresentado).

5.1.4 Igreja Velha

Ainda em associação aos lugares que compuseram o aldeamento, distando aproximadamente 250 metros das ruínas descritas, há um lugar que os moradores se referem como Igreja Velha, eles contam que lá no passado também existiam estruturas como as das ruínas do aldeamento. No local há também um cemitério com sepultamentos demarcados com pedras e uma cruz de madeira que aparentam ser mais antigos, podendo ou não estar associados ao período do aldeamento como sugerido por alguns dos moradores. O mesmo lugar também pode se mostrar ressignificado, pois conta com túmulos mais recentes com acabamento de cimento, alguns de cerâmica, com data mais recente de 1970, que, segundo Sr Antônio, também morador, está relacionado aos patriarcas e matriarcas da comunidade que foram enterrados ali.

Figura 14: Local chamado de Igreja Velha.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia

Figura 15: Sepultamentos.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia

Durante a realização do IV Festival de Cultura, alguns moradores relataram sobre como já retiraram pedras desse local conhecido como Igreja velha e da casa dos padres, as pedras foram reaproveitadas com finalidade construtiva. Eles relataram que hoje em dia não fariam mais essa retirada, pois entenderam que o local conta uma história e possui importância para todos.

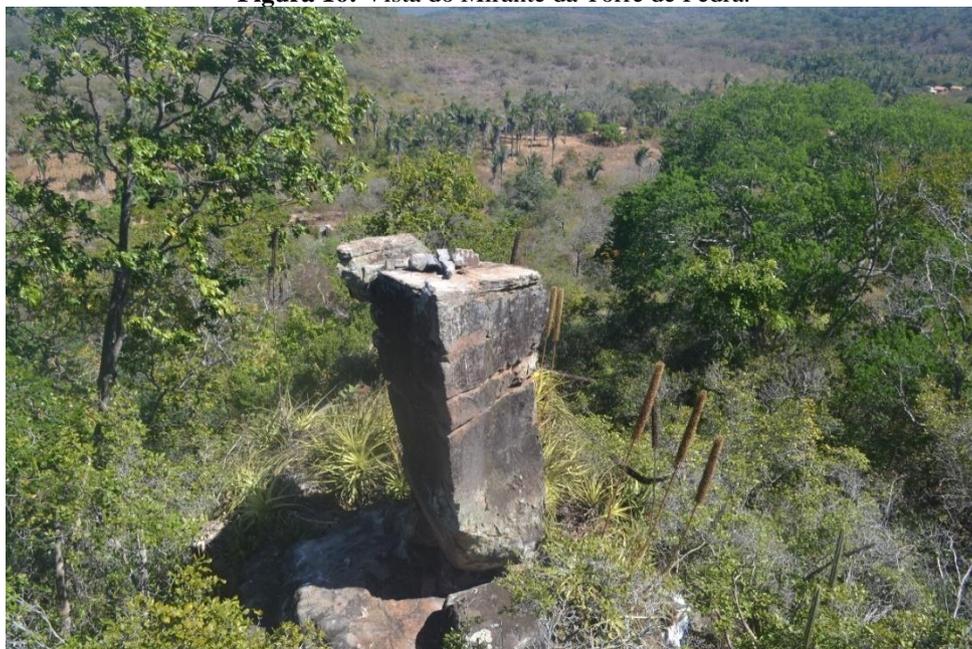
5.1.5 Mirante da Torre de Pedra

“Dizem que eles ficavam lá no alto da serra avistando os arredores”

Dona Eliete

A respeito do Mirante da Torre de Pedra, as narrativas orais contam que era o ponto mais alto da região e por isso foi utilizado como observatório pelos indígenas, pela sua possibilidade de avistamento de uma boa extensão de território. O acesso como da maior parte dos pontos mencionados é feito por trilhas por dentro da mata. Trata-se de um pequeno cume com uma rocha em formato de pilastra com avistamento de um raio de alcance considerável.

Figura 16: Vista do Mirante da Torre de Pedra.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2018

Figura 17: Pessoas subindo a trilha para o Mirante.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

Esse mirante teve sua paisagem ressignificada com colocação de uma cruz em cima de uma das rochas presente no local, que é aquela faz referência a Torre, mas com o tempo a cruz que estava presa na vertical se deteriorou e caiu, ficando somente as duas madeiras que lhe formavam caídas horizontalmente sobre a rocha. Durante o período da realização da III edição do Festival de Cultura de São João de Sene, em 26 de janeiro de 2020, as madeiras da cruz foram retiradas e guardadas. Este fato gerou divergências nos discursos de preservação, envolvendo uma pessoa mais velha da comunidade, que defendia que o certo era as madeiras permanecerem ali, e uma mais jovem que defendia a retirada para aguardar o momento de implantação de um museu. Contudo, durante a organização do IV Festival em 2022 houve um consenso e a cruz foi recolocada de volta sobre a rocha.

Ainda no local do Mirante, ao descer pelo lado contrário que subimos para chegar, existe uma formação rochosa que os moradores chamam de “mapa da América do Sul”, por causa da semelhança do formato em negativo da formação rochosa.

Figura 18: Mapa da América do Sul.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia.

5.1.6 A Gruta Da Santa e o Festejo de Nossa Senhora Aparecida

Em 1992, Heleno Monteiro Nunes e seu filho Romão da Cunha Nunes trouxeram para São João de Sene uma imagem de Nossa Senhora Aparecida como um símbolo de fé cristã católica, com intuito de trazer proteção a comunidade. A imagem santa foi então colocada em uma caixa de vidro e posicionada em uma estrutura rochosa. O local é chamado de gruta e /ou pedra da Santa.

Figura 19: Imagem da santa depositada na Rocha.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

A partir de então do momento que a imagem foi colocada na estrutura da rocha, a comunidade entrou em acordo de realizar o festejo de Nossa Senhora Aparecida, que acontece anualmente de 03 a 12 de outubro. De 03 a 11 de outubro acontecem missas a noite, e no dia 12 é realizada uma procissão que sai da igreja da comunidade até a gruta da santa, onde acontecem orações e são acendidas velas.

Figura 20: Visão ampla da pedra da Santa.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

5.2 FESTIVAL DE CULTURA DE SÃO JOÃO DE SENE

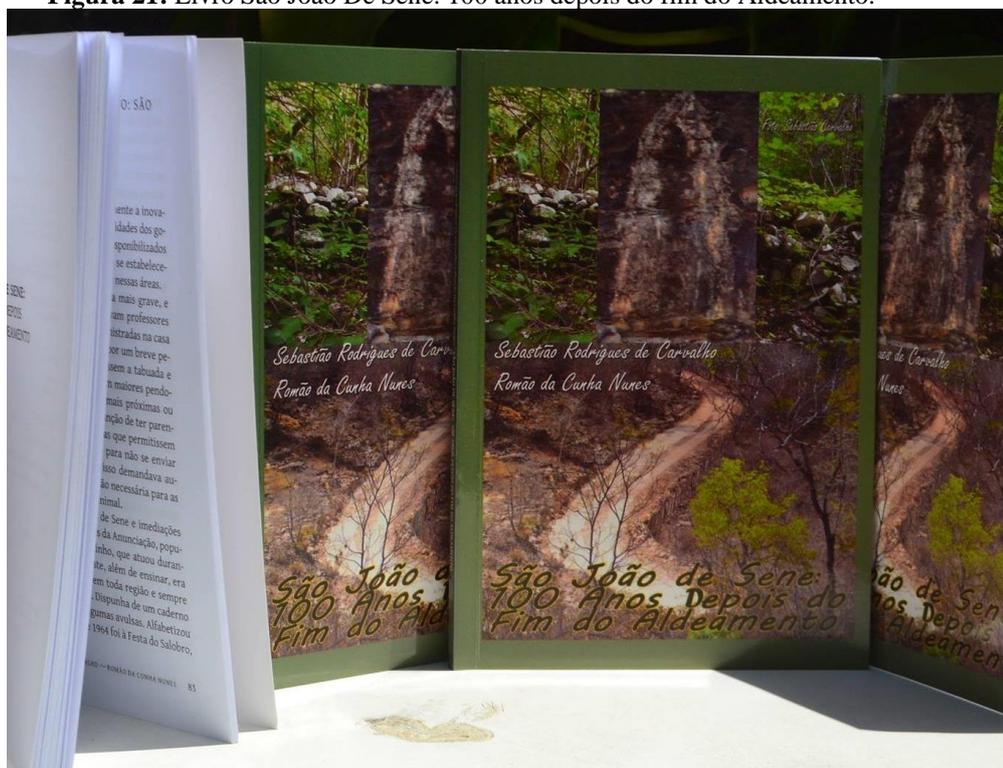
Romão da Cunha Nunes e Sebastião Rodrigues de Carvalho, que são filhos de fundadores da comunidade, explicam que desde a infância ouviam com curiosidade e entusiasmo as histórias contadas por seus familiares sobre o lugar onde viviam, como o passado do aldeamento São João de Sene naquelas terras. Foram essas experiências que os motivaram a produzir um livro a respeito das histórias da comunidade, intitulado “São João de Sene 100 anos depois do fim do aldeamento”, publicado em 2016.

A apresentação da produção bibliográfica aos demais familiares, e membros da comunidade, bem como ao público em geral, Romão e Sebastião criaram o “Festival de Cultura de São João de Sene”, com o objetivo de refletir sobre a história do território da atual comunidade, desde os tempos do aldeamento até a atualidade. Sr. Sebastião explica que Romão então entrou com os subsídios financeiros para realizar o festival,

enquanto ele, na figura de coordenador do festival, articulou com os demais da comunidade a organização do evento.

A primeira edição do festival, aconteceu em 31 de dezembro de 2016, onde tinha-se o propósito de refletir sobre as possibilidades de desenvolver ações voltadas para a preservação das ruínas do Aldeamento e da cultura popular local e regional, juntamente com a apresentação do livro “São João de Sene 100 anos depois do fim do aldeamento” e do cordel “A igreja do nosso tempo – São João de Sene, homenagens”⁴³ de Francisco Rodrigues de Carvalho, o Chico da Louisa. O evento contou também com a exposição de fotografias dos monumentos existentes na localidade. E para o encerramento do evento houve um show com banda de Forró, sob a apresentação de Lindalva de Araújo Costa e Oscar Nunes de Araújo Costa.

Figura 21: Livro São João De Sene: 100 anos depois do fim do Aldeamento.



Fonte: Acervo pessoal Sebastião Carvalho, 2016.

⁴³ CARVALHO, Francisco Rodrigues de. A igreja do nosso tempo – São João de Sene, homenagens. G3 informática. Literatura de Cordel. 6ª tiragem. Teresina – PI. 20págs. Sem ano.

Figura 22: I Festival de Cultura de São João de Sene.



Fonte: Acervo pessoal Sebastião Carvalho, 2016.

Na segunda edição do festival que aconteceu em 10 e 11 de fevereiro de 2018, sob apresentação de Josina de Araújo Costa e Claudio Werneck de Araújo Costa, abordou-se a história e cultura local e regional. O festival de 2018 também teve como objetivo abordar o potencial turístico de São João de Sene por meio de palestras, exposição de fotografias de Sebastião Carvalho, e lançamentos de cordéis⁴⁴ do conhecido Chico da Louisa, novamente com encerramento de show de forró. Sr. Sebastião gosta de explicar que o festival deve se envolver da vivência popular, que assim as ações se tornam mais atraentes, e por isso o festival sempre conta com shows de forró.

⁴⁴CARVALHO, Francisco Rodrigues de. Santa Rosa Homenagens. G3 Informática. Literatura de Cordel. Teresina – PI. 16págs.

CARVALHO, Francisco Rodrigues de. 1º Festival de Cultura São João de Sene, 2016. G3 Informática. Literatura de Cordel. 1ª tiragem. Teresina – PI. 24págs.

CARVALHO, Francisco Rodrigues de. Tanque do Piauí – Festa da FAVA. Povoado Barrigas Homenagens. G3 Informática. Literatura de Cordel. 1ª tiragem. Teresina – PI. 20págs.

Figura 23: II Festival de Cultura de São João de Sene. Banca com folders do festival, cordéis, e artigos para venda.



Fonte: Acervo pessoal Sebastião Carvalho, 2018.

Ainda em 2018, em 11 de outubro Sr. Sebastião inaugurou em São João de Sene na casa de Deocleciana a “Biblioteca Comunitária Raimundo Rodrigues de Araújo Costa”, que se trata de um espaço (um armário) para guardar os materiais bibliográficos desenvolvidos sobre Tanque do Piauí, colocados a disposição de todos os interessados.

Figura 24: Deocleciana mostrando o pequeno acervo bibliográfico presente em sua casa.



Fonte: Acervo PET- Arqueologia, 2022.

Em 2019 não houve uma edição do festival, mas aconteceu em 23 de janeiro daquele ano, o “I encontro de escritores em: São João de Sene”, sob apresentação de Maria de Conceição de Araújo Costa, que fez uma palestra acerca de temas diversos inerentes à comunidade de São João de Sene, como a produção e consumo dos produtos da agricultura familiar, como o milho, fava, feijão, buriti.

Em 2020 aconteceu a terceira edição do festival, nos dias 24, 25 e 26 de janeiro no Nacional Clube. Houve a inauguração de projeto “Convivência com o semiárido no município de Tanque, que propunha o fortalecimento da agricultura familiar realizada pelos moradores, contando com palestras sobre a cultura regional, história de São João de Sene, e apresentações de artistas. Estiveram presentes representantes do governo do Estado do Piauí, AOA- Academia Oeirense de Arte, vaqueiros, cantadores e repentistas, bem como professores e universitários. (Castro, 2020)

Na terceira edição, nós do PET-Arqueologia fomos convidados, e participamos durante o dia 26 de janeiro, juntamente com moradores da localidade, onde pudemos dialogar sobre a realização de pesquisas na região e perceber o que as pessoas achavam sobre.

No dia em que estávamos presentes, a programação incluía visitação pelo roteiro turístico da comunidade, na oportunidade fomos conduzidos junto às crianças, e pessoas mais velhas que estavam participando do evento. A visita incluiu as ruínas do aldeamento e a torre da pedra que já conhecíamos, assim como locais que ainda não tínhamos visitado, mas que foram elencados em conjunto, que foram a Barragem dos Guinés, Gruta da Santa, isso tudo no meio de um clima de chuva, o que tornou o percurso mais rápido, para que pudéssemos voltar para o Nacional Clube, onde acontecia o evento, e a programação seguiu com Jogo de Futebol e Forró.

Figura 25: III Festival de Cultura de São João de Sene.



Acervo pessoal Sebastião Carvalho, 2020.

Figura 26: Membros do PET-Arqueologia com moradores da comunidade durante o III Festival de Cultura de São João de Sene.



Acervo PET-Arqueologia, 2020.

Posteriormente a nossa participação na terceira edição fomos convidados por parte dos moradores a colaborar com a IV edição do festival, durante o processo de organização a prefeitura municipal assumiu a organização e realização, arcando com os custos, e claro, alinhado com os moradores e articuladores do evento, e nós (eu, meu orientador, e os demais membros do PET-Arqueologia) estivemos inseridos nesse processo. Apesar de ter sido adiado algumas vezes devido ao aumento de casos da Covid-19, a quarta edição do festival aconteceu em 15,16 e 17 de julho de 2022.

Durante a organização do festival foram realizadas algumas reuniões, e diálogos em um grupo de WhatsApp que tratava do assunto para organizar o evento. Durante esse processo a prefeitura destacou que queria fazer um grande evento com o maior público que o festival já viu, e nesse momento a comunidade solicitou que houvesse

uma maior preparação para receber essas pessoas, visto que eles ainda não tinham a experiência de receber tantas pessoas de uma vez.

Visando contribuir com a recepção de turistas e visitantes durante a realização do evento buscamos contatar professores do curso de Turismo do Instituto Federal do Piauí – IFPI, campus de São Raimundo Nonato-PI, para capacitar os moradores da comunidade fomentando um turismo de base comunitária na região. Por problemas de saúde do professor que ministraria a capacitação, esta foi cancelada. Seguimos entrando em contato com outros profissionais e guias do Parque Nacional Serra da Capivara, mas não encontramos ninguém disponível para contribuir com a ação. Finalmente, um dos bolsistas do PET, Tallis Ramos, que é técnico em guia de turismo se propôs a realizar uma oficina de condução de visitantes desde que tivesse mais pessoas auxiliando, com isso foi formulada “Oficina de condução de visitantes de São João de Sene”⁴⁵.

Figura 27: Chamada para Oficina de Condução de Visitantes em São João de Sene.



Fonte: Edson Oliveira, 2022.

A oficina de condução de visitantes de São João de Sene aconteceu nos dias 09 e 10 de julho de 2020, final de semana que antecedeu o festival, com o objetivo de, através da conjunção de conhecimentos entre os ministrantes da oficina e os participantes, qualificar e reforçar orientações de condução de visitantes, fazendo com que a comunidade se sentisse capacitada a recebê-los, promovendo o seu protagonismo

⁴⁵ por Tallis Ramos de Aguiar, Edson de Oliveira Silva, ambos bolsistas do grupo PET-Arqueologia. Márcia de Santana Castro, que é a autora desse trabalho e Rodrigo Lessa Costa (tutor do PET e orientador deste trabalho).

comunitário ao apresentar o local onde vivem, suas potencialidades naturais, culturais, históricas e arqueológicas.

A oficina foi dividida em uma parte teórica apresentada no primeiro dia (dia 09/07) e uma parte prática (dia 10/07) tendo como participantes 15 moradores do povoado São João de Sene. Como estratégias pedagógicas foram utilizados recursos midiáticos, dinâmicas interativas, como o preenchimento das fichas de lugar e de celebração/manifestação cultural⁴⁶ para o exercício de construir um roteiro, com isso na parte teórica, abordou-se os temas: turismo de base comunitária, turismo arqueológico, técnicas de condução de visitantes, segurança, produção de circuitos e roteiro turístico e ética profissional.

Figura 28: Registro do primeiro dia de oficina.



Foto: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

A partir dos resultados do primeiro dia, no segundo dia foi desenvolvida a parte prática, onde os participantes foram a campo com roteiro turístico formado pelos locais inventariados com o preenchimento da ficha de lugar, que seria o roteiro a ser realizado durante o festival.

⁴⁶ Tendo como base as fichas propostas pelo manual de aplicação do inventário participativo do IPHAN (2016).

Figura 29: Registro da atividade do segundo dia de oficina.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

A ação de extensão proporcionou articulação entre a universidade e a comunidade por meio do compartilhamento de saberes e a interação entre moradores locais, bolsistas

do PET-Arqueologia e o poder público municipal, visando à promoção e preservação do Patrimônio Cultural da região. A apresentação de uma comunicação oral referente a essa ação recebeu menção honrosa na XV SCIENTEX – Semana de Ensino e Extensão da Univasf, realizada de 21 a 24 de novembro de 2022.

Concomitante a realização da oficina, a Secretaria Municipal de Cultura providenciou placas informativas para alguns dos locais que seriam visitados, fazendo o uso das informações orais, e dos materiais que havíamos produzido anteriormente.

Figura 30: Placa da casa dos padres franciscanos.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

Após a realização da oficina, nos dias 15, 16 e 17 aconteceu o IV Festival de Cultura de São João de Sene, este com toda uma estrutura garantida pela Secretaria Municipal de Cultura e Esporte e prefeitura municipal ⁴⁷.

A abertura do Festival aconteceu no dia 15 de julho (sexta-feira) por volta 19 horas, no National Clube⁴⁸ com breves falas dos envolvidos na organização, seguido de apresentações dos artistas locais, que foram até o início da madrugada.

⁴⁷ O atual prefeito Tiel Sales, relatou que sempre foi fascinado pelo contexto histórico de São João de Sene, e que durante a sua graduação em geografia queria desenvolver seu trabalho de conclusão de curso sobre o local, mas a sua orientadora não teria achado pertinente e ele fez o trabalho sobre outra temática, mas explica que nunca perdeu o interesse na história de São João de Sene, tendo participado de todos os festivais, e na última edição dando suporte através da prefeitura municipal.

⁴⁸ Espaço que tem sediado todos os festivais.

Figura 31: Apresentações de artistas locais.

Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

A programação retornou no sábado as 07 horas, quando foi servido o café da manhã. Após o café da manhã iniciamos a organização para a condução dos participantes do evento pelo roteiro turístico. O evento recebeu a passagem de aproximadamente 500 pessoas durante os três dias de evento, um número bem superior as edições anteriores, o que foi motivo de orgulho para a comunidade, e trouxe benefícios econômicos. Durante o evento os moradores vendiam comida e artesanato.

A condução dos visitantes foi feita pelos participantes da nossa oficina, alguns outros moradores e por nós que fomos os ministrantes da oficina⁴⁹. Nos organizamos para conduzir 14 visitantes⁵⁰ cada condutor, e um grupo de cada vez em cada local, pensando em não impactar os espaços com um número alto de pessoas. A condução de visitantes aconteceu durante todo o dia, mas num ritmo bem menor pela tarde, pois aconteciam apresentações no National Clube.

⁴⁹ Fomos condutores a pedido dos moradores e organizadores do evento.

⁵⁰ Esse número foi definido pelos membros participantes da oficina, com o objetivo de não superlotar os espaços.

Figura 32: Registro da condução de visitantes.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

Após o almoço o PET-Arqueologia montou uma pequena exposição de artefatos arqueológicos do Piauí⁵¹, com intuito de dialogar com os moradores e demais participantes do evento. Algumas pessoas mencionaram que já haviam visto materiais como aqueles, que já tinham tido em casa machadinhas e cachimbos, por exemplo. Outras pessoas relataram como era importante estar vendo aqueles materiais, pois agora se encontrarem algum, iriam saber reconhecê-los.

⁵¹ Composta por materiais de São João de Sene (coletados e doados ou emprestados pelos próprios moradores, já que as intervenções arqueológicas ainda não coletaram materiais arqueológicos), e materiais de procedência diversa, como cerâmicas tupi da Chapada do Araripe e utensílios líticos coletados nas margens do Rio Piauí. Todos os materiais (com exceção daqueles que foram emprestados pelos moradores de São João de Sene) pertencem ao acervo do Laboratório de Arqueologia Pré-histórica da Universidade Federal do Vale do São Francisco (LAPHIS/UNIVASF).

Figura 33: Exposição montada pelo PET-Arqueologia.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

Durante a tarde o evento seguiu com apresentações culturais de grupos do município, e algumas palestras sobre o histórico do Festival de Cultura de São João de Sene, ministradas por Sebastião Carvalho, vídeo apresentação do Projeto de ecoturismo em Tanque, palestra sobre a chegada dos portugueses ao Piauí, ministrada pelo professor e historiador, Júnior Vianna, palestra com o tema “Patrimônio Histórico e Arqueológico, ministrada pelo arqueólogo Alexandre Mota, palestra com o tema “Criação e extinção do Aldeamento São João de Sene”, ministrada pelo professor Reginaldo Miranda, palestra “Os Araújo Costa”, ministrada pelo professor Romão da Cunha Nunes, com participação do escritor Valdo Benedito, palestra ministrada por Jota Sousa e Anchiêta Nunes, da Academia Oeirense de Letras, seguida da entrega de homenagens e encerramento da noite com artistas locais. No dia 17, o evento foi finalizado com um torneio de futebol pela manhã.

Na entrega de homenagens fomos agraciados, algo que, pessoalmente, despertou o sentimento de estarmos desenvolvendo um trabalho que faz sentido para a população local, um gesto de reconhecimento e agradecimento.

Figura 34: Márcia Castro recebendo a homenagem de Sebastião Carvalho, Tiel Sales, Simone Nunes e Romão Nunes.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2022.

Nessa última edição do festival, foi possível perceber que para além de um encontro familiar, cultural, o evento se tornou ponto de encontro entre estudantes da educação básica a superior e pesquisadores, alcançando o maior número de pessoas desde a sua criação, o que foi de satisfação para a comunidade, e que abre a possibilidade para mais interessados em pesquisar e trabalhar na cidade.

5.3 SALOBRO: O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Em Tanque do Piauí, a 12 km da sede, está a comunidade Salobro ou Carro Velho, como alguns chamam, onde são realizadas as festividades de Nossa Senhora da Conceição. O novenário ocorre anualmente no período de 29 de novembro a 08 de dezembro. A comunidade é também conhecida como "cidade fantasma", apelido dado devido a sua ocupação ocorrer somente no período de preparação e durante as festividades que acontecem na mesma, de modo que se a comunidade fosse visitada fora desse período não haveria ninguém, apenas as casas rústicas feitas de madeira, taipa e palha.

De 2018 para cá já pudemos perceber que houve algumas transformações nesse cenário, como um aumento de reformas nas casas passando para estruturas de tijolos e telhas. E que já se pode encontrar algumas casas com moradores fora da época das festividades, mas ainda é predominante o número de casas desocupadas uma vez que,

como mencionado, os respectivos donos tendem a ocupá-las apenas no período que precede e durante o “Festejo de Nossa Senhora da Conceição”⁵².

Figura 35: Comunidade Salobro.



Fonte: Google Earth, adaptado pelos autores, 2022.

Figura 36: Entrada do Santuário.



Fonte: Acervo PET-Arqueologia, 2019.

⁵² A partir de outubro e novembro.

A tradição oral conta que a tradição do festejo começou no século XIX, com uma mulher de 27 anos chamada Sofia⁵³, cuja narrativa afirma ter vendido um garrote, e com o dinheiro que recebeu, encomendado a um tropeiro que fazia viagens a Juazeiro do Norte – CE, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, a qual era uma fiel devota. Sofia carregava em si a vontade de rezar, e quando a imagem de Nossa Senhora da Conceição chegou, ela se reunia constantemente com seus familiares em rezas. Isso acontecia nas terras da localidade de Rancharia, depois passou para uma localidade chamada Carro Velho cuja terras foram vendidas, e por esse motivo posteriormente o festejo passou a ser realizado no local atual, o povoado Salobro, mas devido a sua passada instalação no Carro Velho, as pessoas por muitas vezes chamam o Salobro também de Carro Velho.

O cuidado da atual igreja “Santuário de Nossa Senhora da Conceição” e a organização das festividades são de total responsabilidade da família Correia, e não de Padres e da estrutura da Igreja Católica como geralmente acontece. No caso do Festejo de Nossa Senhora da Conceição que acontece no Salobro, o festejo é administrado desde o início pela família Correia. Tendo passado de geração em geração, está atualmente na quinta geração, e os padres e párocos são apenas convidados a realizarem as missas e batismos.

Segundo os moradores o festejo é um dos mais antigos do Piauí, receberomeiros da cidade, municípios circunvizinhos e de outros estados. A datação deste segundo a comunidade relata, pode ser inferida através de uma moeda do ano de 1815 encontrada na comunidade Rancharia, local onde o festejo foi celebrado inicialmente, e onde também foram encontrados fragmentos de cachimbos e vasilhas cerâmicas. Os moradores afirmam que a moeda se encontra em um museu em Teresina⁵⁴, e atribuem através dela a cronologia recuada das festividades.

As festividades de Nossa Senhora da Conceição compõem a vida das pessoas em Tanque do Piauí, para muitos a partir do nascimento, pois são batizados em seu Santuário. Algumas pessoas mais velhas contam que foram batizadas com a Santa como madrinha, com isso elas são afillhadas de Nossa Senhora da Conceição. A participação das pessoas católicas do município cresce a cada ano, e envolve o pagamento de promessas, por exemplo através de caminhadas da sede da cidade até a Igreja no

⁵³ Em outras versões, essa mulher aparece como Maria da Conceição, mas os membros que organizam as festividades, dizem que é Sofia e/ou Maria Sofia.

⁵⁴ Ainda não se sabe a localização dessa moeda, apenas temos relatos de sua existência.

Salobro. Como de costume, os forrós acontecem durante as festividades depois da missa.

Durante o ano de 2020, devido a pandemia, o festejo foi realizado com a presença de menor número de pessoas nas missas, e sem apresentações musicais na comunidade.

Figura 37: Altar do santuário na comunidade do Salobro.

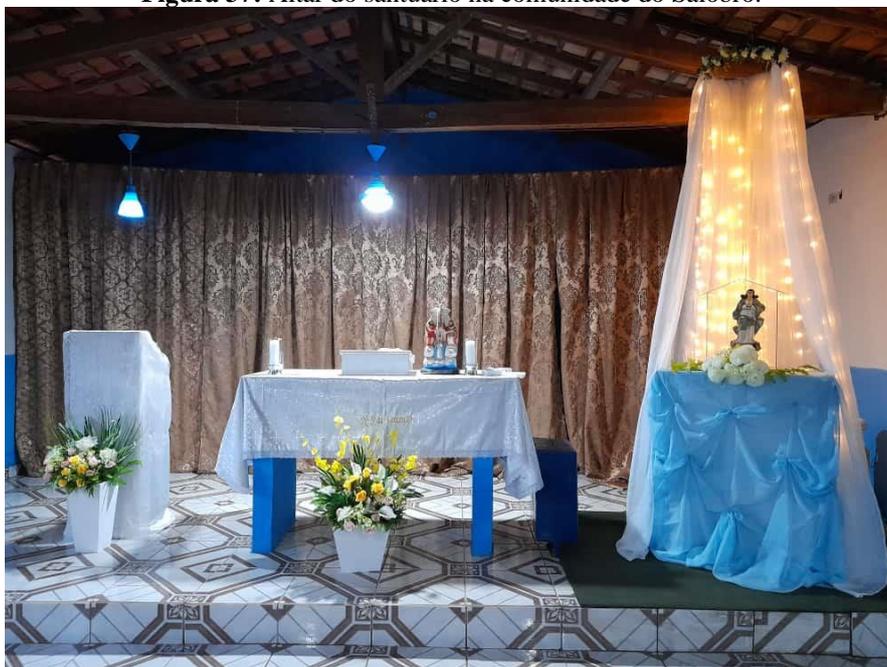


Foto: Márcia Castro, 2021.

Já no ano de 2021, o festejo retomou boa parte da sua forma tradicional, com a maior presença dos devotos, contando inclusive com devotos vindos do Paraná, o que chamou a atenção dos moradores, também estava intensa a ocupação das casas e o funcionamento dos bares na comunidade.

Figura 38: Igreja durante o festejo.



Foto: Edson Oliveira, 2021.

Figura 39: Registro da novena em 2022.



Foto: Germana Jorge, 2022.

Também foi possível ver nesse momento expostos os Banners já apresentados pelo PET – Arqueologia em congressos como o Scientex– Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da Univasf em 2019, e IV Semana Internacional de Arqueologia dos

Discentes do MAE/USP também em 2019. Os responsáveis pela igreja e festejo explicam que esses banners não saem da igreja desde que foram recebidos, e são uma fonte de informação para aqueles fiéis que estão vindo pela primeira vez, assim como para toda a comunidade.

Figura 40: Banners do PET -Arqueologia expostos na igreja.



Foto: Edson Oliveira, 2021.

Também é importante mencionar que a imagem principal de Nossa Senhora da Conceição presente na Igreja, segundo relatos, se trata justamente da imagem que foi encomendada por Sofia e deu início a tradição. Sua manutenção e conservação é realizada de tempos em tempos, incluindo a pintura da Santa quando necessário. Nesse processo de pintura da santa, em 2021 o resultado não foi de agrado por parte dos organizadores, por isso em 2022 a imagem foi novamente colocada para pintura.

Figura 41: Imagem da Santa em 2021 e 2022.



Fotos: Germana Jorge.

5.4 RANCHARIA

Na localidade Rancharia que fica a 4 km do Salobro e a 8 km da sede, nossos colaboradores nos conduziram no intuito de mostrar os artefatos encontrados por eles durante atividades do seu cotidiano, a maioria durante abertura de covas para plantio. Os materiais encontrados foram cachimbos e pequenos vasilhames cerâmicos que são chamados de “pirex” pelas pessoas dali. Sr. Zé Pequeno, um dos nossos interlocutores, que trabalha com plantações em Rancharia, explica que, *“tem muitos objetos encontrados nas terras que podia vir a ser ferramenta dos índios, como cachimbos, material de louças, pirex né, panela de barro”*.

Figura 42: Cachimbo encontrado em Racharia.



Foto:
Acervo PET-Arqueologia

Figura 43: Cachimbo encontrado em Racharia.



Foto: Acervo PET-Arqueologia

Figura 44: Pequenos vasilhames cerâmicos que foram encontrados em Rancharia.



Foto: Acervo PET-Arqueologia

Durante a visita do PET-Arqueologia a Rancharia em 2018, em uma prospecção oportunística encontramos junto com os moradores um fragmento de cachimbo no chão.

Devemos ressaltar ainda que alguns objetos encontrados em Rancharia: cachimbos e pequenas vasilhas cerâmicas estão salvaguardados provisoriamente no Laboratório de Arqueologia Pré-histórica da Univasf.

Figura 45: Fragmento de Cachimbo encontrado no campo em Rancharia.



Foto: Acervo PET-Arqueologia, 2018.

Sr. Zé Pequeno, ainda descreve que perto da Rancharia, a cerca 8 km de distância, existe uma espécie de caverna atribuída aos índios, local que ainda não tivemos a oportunidade de conhecer. Em agosto de 2020, Sr. Zé nos informou que encontrou um cachimbo durante o plantio de banana, numa profundidade de 20cm, ele

destacou também que marcou o ponto de onde achou para nos mostrar assim que fôssemos lá, mas ainda não houve oportunidade para retornarmos a Rancharia.

Figura 46: Cachimbo encontrado por Seu Zé Pequeno em agosto de 2020 em Rancharia.



José Ferreira Mota (Zé Pequeno), 2020.

Além dos cachimbos encontrados, Sr. Zé Pequeno ainda explica que no município de Tanque do Piauí já se encontraram vários objetos e que: *“tinham aqueles de raio, que antigamente acreditava que saía no raio... pedra de raio. Os mais velhos diziam que com sete anos de idade aquela pedra ficava na superfície da terra⁵⁵, a gente acreditava muito naquilo. Depois que a gente descobriu que aquilo era ferramenta dos índios, porque passou a ter certeza de que o raio não tem material, né isso, o raio é uma força elétrica, aí passou a descobrir o objeto não identificado, aí pegamos a informação que era peça que os índios usavam, em forma de pedra.”*

A presença desses materiais para a comunidade reforça as narrativas sobre a presença indígena na região, juntamente com alguns relatos dos nossos interlocutores que se identificam enquanto descendentes (ainda que não necessariamente enquanto indígenas). Durante os dias de campo, era comum ouvirmos frases como: “minha avó/bisavó era índia” e “minha vó foi pega a dente de cachorro”⁵⁶, ou mesmo se referindo a pessoas que souberam ter descendência indígena. Durante esse momento indaguei se eles entendiam o significado dessa frase, eles me disseram que sim, que

⁵⁵ Sr. Zé Pequeno quando fala que a pedra ficava na superfície da terra, quer dizer que ela emergia na superfície, provavelmente devido a erosão eólica ou pluvial.

⁵⁶ Segundo Anaquiri (2018) a indígena pega a dente cachorro, ou laço significa ser violentada, para ser “amansada” e “extinguir o jeito violento”, obedecendo aqueles que lhe ordenam.

estavam cientes da crueldade sofrida por essas mulheres, assim como tinham consciência do sofrimento dos indígenas aldeados naquele território. Sr. Zé pequeno afirma que sabe de pelo menos 10 pessoas que se afirmam como descendentes de indígenas na cidade, e segundo ele, nós temos que nos organizar para registrar a história dessas pessoas.

5.5 ANGICAL

“Toda vida a gente escutou a história dos mais velhos que ali era cemitério de índio”

Zé Pequeno

Nossos interlocutores nos levaram a localidade Angical, que segundo eles, sempre ouviu tratar-se de um cemitério de índio. No local foi observado a presença de artefatos líticos em superfície parte confeccionado em sílex provavelmente exógeno, já que não se identificou nas redondezas afloramentos ou grandes blocos que pudessem tê-los originado. No entanto, não foram evidenciados até o momento fragmentos de urnas cerâmicas ou outros materiais que pudessem corroborar a narrativa trazida pelos nossos interlocutores, o que não invalida a hipótese de os indivíduos terem sido depositados diretamente no solo. Como não houve cultivo aparente na área, com solo bastante compactado e aparentemente pouco fértil, outros remanescentes arqueológicos podem não ter sido revolvidos para a superfície, (Costa, 2022).

Figura 47: Líticos.



. Foto: Acervo PET-Arqueologia

Figura 48: Lascas e estilhas.

Foto: Acervo PET-Arqueologia.

5.6 FERREIRO

A localidade Ferreiro, fica no território do município vizinho de Várzea Grande. Sobre essa localidade Sr. Zé Pequeno explica que “*Lá era um cemitério, só que lá eles colocavam as pessoas dentro de uns potes*” fato que explica que o deixou curioso, e ele me questiona “*será que quando a pessoa morria, eles encolhiam a pessoa e colocava dentro do pote? Ou eram os restos mortais?*” depois desse questionamento expliquei sobre enterramento primário e secundário.

Foi realizada prospecção sob a indicação dos nossos interlocutores nessa comunidade, onde encontramos vestígios cerâmicos, e os moradores nos falaram sobre a existência de urnas funerárias, e de uma escavação que havia acontecido na década de 1980, embora até o momento, não tenhamos conseguido identificar os responsáveis por tal escavação, e nem tampouco o destino dos supostos artefatos resgatados. (Castro, 2020).

Figura 49: Fragmento de cerâmica.



Foto: Acervo PET-Arqueologia

5.6.1 Poço Feio

Ainda na localidade Ferreiro, os nossos interlocutores nos levaram também a locais de beleza natural aos quais atribuem sentimento, como Poço feio, nome dado a uma nascente natural, que segundo eles nunca seca, e que nos períodos de chuva dá lugar também a uma Cachoeira.

Figura 50: Poço Feio.



Foto: Foto: Acervo PET-Arqueologia.

O local é um espaço de socialização por membros da cidade e de fora da mesma, devido a sua beleza e oportunidade de banho. Ali ocorreram algumas mortes por afogamento. Segundo nossos interlocutores, há uma história curiosa sobre esse lugar, uma lenda, eles explicam, de que há uma sereia no poço, mas ela se esconde quando chega gente. Além disso, há relatos sobre o sentimento de que o local tem um “clima pesado”, o fato é que mesmo com essas narrativas não há distanciamento dos visitantes.

5.7 O MUSEU JÁ ESTÁ AQUI: ALGUMAS REFLEXÕES

Sabemos que a literatura de maior expressão dentro da museologia se dedicou principalmente as exposições e coleções dentro dos museus, e análises dos acervos dentro deste espaço determinado. Sendo assim, as discussões em sua maioria estão direcionadas a análise de museus institucionalizados, mas compartilhamos da concepção de Brulon e Scheiner (2009) que o fenômeno Museu está em movimento, atualmente compreendendo diferentes tipos de museus e modos específicos de representação.

O “museu já está aqui”, foi um título escolhido pelo entendimento do contexto de estudo enquanto um museu de território ou ecomuseu, composto por espaços (entendidos enquanto paisagem cultural), artefatos e narrativas na cidade de Tanque do Piauí, e que diferente de um museu tradicional não se delimita por paredes físicas. Essa perspectiva compreende que o museu se trata de um espaço de relação entre as comunidades e seu patrimônio permitindo o seu reconhecimento e valorização (Hernandez, 1998; Toledo, 2017).

A Carta de Siena –museus e paisagens culturais proposta pelo comitê nacional italiano do ICOM, no Conselho Internacional de Museus na Itália em julho de 2014, discute sobre a condição do museu na paisagem cultural. A carta ainda discute as paisagens culturais, com o esboço dos componentes que fazem a Itália ser considerada um museu a céu aberto⁵⁷, o que nos dá um ponto para pensarmos que a musealização dos espaços em Tanque do Piauí está acontecendo por parte da comunidade, e por meio da pesquisa arqueológica que desenvolvemos.

⁵⁷ A identidade da paisagem italiana está intimamente ligada à natureza singular de um patrimônio cultural, ampliado, difuso, denso, estratificado e inscrito no meio ambiente como poucos no mundo. É o que faz da Itália um vasto “museu a céu aberto”, um museu difuso tão grande quanto o território nacional na sua totalidade, constituído de milhares e milhares de bens dispersos em cada lugar que, pela via legislativa ou somente por um sentimento comum formam “a paisagem e o patrimônio histórico e artístico da nação. (Carta de Siena, 2014).

Tomamos, portanto a compreensão de Fauvrelle (2016) “que a paisagem é também um património relevante e que cabe aos museus participar na salvaguarda e interpretação da dimensão material e imaterial deste património”. E conforme afirma Custódio (2016) no que se refere à área do Património Mundial, desde 1992 a UNESCO vem reconhecendo as significativas interações entre a sociedade e o seu meio natural “sob a denominação de paisagens culturais buscando dar conta de melhor representar a diversidade cultural e suas relações com o território”.

Ainda que se trate de contextos completamente diferentes, considerando as suas potencialidades, manifestadas através da sua importância para a história do Estado, testemunhada pelos sítios arqueológicos e lugares de memória, guardando-se as devidas proporções, podemos também pensar o nosso contexto de pesquisa de forma semelhante. A carta de Siena discute a ideia de “comunidade de paisagem” a qual podemos também inserir o complexo de sítios arqueológicos de Tanque do Piauí.

Através de sua grande diversidade de formas e dimensões, os museus e os estabelecimentos assimilados (sítios e parques arqueológicos, complexos monumentais, e outros lugares da cultura, ecomuseus e centros de interpretação territorial e ambiental etc. assumem uma responsabilidade sobre a paisagem cultural contribuem com diversos títulos para a criação de uma “comunidade de paisagem” (Carta de Siena, 2014).

Dentro da perspectiva trazida pela carta, ressalta-se ainda a construção e musealização das paisagens culturais, abordagem que pode ser desenvolvida, na interface dos campos da arqueologia pública e museologia social. Nessa conjuntura, pensando a importância da comunidade no processo de musealização em Tanque do Piauí é possível inserir a colocação de Brullon, (2017:81) de que “o que mantém as paisagens são as pessoas que nelas se reconhecem”. Esse autor afirma ainda, que a musealização, vem provando também a sua eficácia para além do museu tradicional, quando passa a abarcar territórios, cidades e populações, e através disso, passou a ser vista, como um diálogo cultural.

Posto isso, neste trabalho buscou-se com a interação dos referenciais teóricos da arqueologia pública e museologia social, registrar os lugares de memória, celebrações, manifestações culturais e artefatos, por meio da ferramenta do inventário participativo, vislumbrando que as fichas de registros do inventário podem representar um retorno social para nossos interlocutores e demais moradores de Tanque do Piauí que possam ter interesse. Com isso conseguimos registrar as seguintes 18 fichas:

QUADRO DAS FICHAS	
LUGARES	Vai e Não Torna Ruínas do aldeamento e/ou casa do Padres Franciscanos Mirante da Torre de Pedra Igreja Velha Mangueira caída Cerca de Pedra Antigo Engenho Pedra da Santa Poço Feio
CELEBRAÇÃO E/OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL	Festejo Nossa Senhora da Conceição Festejo Nossa Senhora de Aparecida Festival de Cultura de São João de Sene
OBJETOS	Machadinha polida (Encontrada em São João de Sene) Cachimbo (Encontrado em São João de Sene) Vasilhame cerâmico I e II, cachimbo I, II e III (Encontrados em Rancharia)

Quadro 2: Fichas registradas.

A experiência de preenchimento das fichas, se mostrou eficaz no intuito de mapear os espaços, ações e artefatos que compõem a vida dos nossos interlocutores em seu território, tendo permitido evidenciar o vínculo com a sua história local, mas também com o catolicismo, de como a fé também é um elemento importante para a comunidade.

É preciso ressaltar ainda, como o inventário participativo se constitui uma síntese da memória, patrimônio arqueológico e religiosidade em São João de Sene, elementos profundamente discutidos nesta pesquisa, e possui potencial para fundamentar ações de educação patrimonial e/ou ser utilizado como recurso pedagógico pelos próprios professores. Ainda que os resultados desta pesquisa mostrem uma

comunidade sensibilizada a respeito da preservação e fruição de seu patrimônio, devemos pensar que aqueles de alguma forma alcançados por esta pesquisa representam apenas uma parcela da população. Se consideramos outras localidades próximas e mesmo a sede – Tanque do Piauí – outros elementos podem vir à tona sob o guarda-chuva do patrimônio, o que pode ser constatado por meio do festival de cultura, momento no qual discursos patrimoniais surgem e convergem.

Expressões culturais emergem durante o festival como a literatura de cordel, o repente, a produção de garrafadas, e diversos trabalhos artesanais que carecem de uma valorização e inserção no cotidiano das pessoas, existindo em um maior período do que os três dias do festival.

6 CONSIDERAÇÕES

Tendo em vista o interesse dos moradores da localidade de São João de Sene e de algumas pessoas do município sede, Tanque do Piauí, na história, nos vestígios arqueológicos e marcos paisagísticos que estão relacionados a presença indígena naquela região, esta pesquisa buscou registrar esses locais e objetos, e concomitantemente discutir e executar em parceria com essas pessoas estratégias de musealização desses patrimônios. Muitas dessas estratégias já vinham acontecendo independente de uma orientação acadêmica. A presença da pesquisa arqueológica, contudo, trouxe para ambos os envolvidos novas oportunidades e multiplicou as formas de fruição desse patrimônio cultural.

A parte do título proposto que indica “o museu já está aqui”, se refere a essa iniciativa de produção de conhecimento local longe dos referenciais acadêmicos, mas que de alguma forma estava atenta a necessidade de preservar os objetos e lugares que teriam algum significado cultural ou histórico, e divulgá-los. Evidentemente, nos processos de musealização que ali ocorriam quase que desavisadamente, de uma forma orgânica, não havia um embasamento teórico, e nem mesmo um conhecimento acerca dos dispositivos legais de proteção do patrimônio. Também não existia uma metodologia clara de ação, em vez disso um conjunto de ações desordenadas, mas que em vários momentos representariam atividades costumeiramente desenvolvidas dentro dos museus, especialmente os ditos ecomuseus e museus de território, que são aqueles que possuem uma integração com o meio ambiente e/ou que buscam um desenvolvimento social para a comunidade onde estão inseridos (Varine, 2007). Nesse sentido buscou-se refletir sobre essas ações e potencializá-las com o intuito de aperfeiçoá-las e contribuir para a valorização dos patrimônios indicados pela população por meio do processo de inventário participativo. Com isso deu-se início a proposta de uma pesquisa colaborativa.

Através do embasamento teórico-metodológico apresentado, esta dissertação pode ser encarada enquanto uma intersecção ou ponte entre o conhecimento popular e a construção de saber acadêmico. Isso foi possibilitado pela parceria empreendida com o

PET-Arqueologia e seu tripé, pesquisa, ensino e extensão e o grande apoio e interesse da comunidade de São João de Sene e Tanque do Piauí nas discussões acerca do patrimônio. Assim, considero que a pesquisa resultou em um produtivo diálogo entre setores da sociedade que muitas vezes parecem antagônicos. Para além da pesquisa se constituir em frutos para a comunidade, se construiu uma relação de colaboração, pois para arqueologia esse tipo de contato representa uma aproximação bastante exitosa enquanto oportunidade de extroversão de conhecimentos.

A vinculação dos campos de estudos com a arqueologia pública e colaborativa e a museologia social, buscou explorá-las enquanto teorias e métodos de aproximação dos órgãos de pesquisa com a sociedade, que precisa ser alcançada, na medida em que o conhecimento não é produzido apenas no interior dos muros da academia. Nesse sentido, a pesquisa sempre esteve preocupada em atender as demandas da população de São João de Sene e Tanque do Piauí, ou pelo menos das pessoas que se envolveram nas ações desenvolvidas, em parte conduzindo e direcionando a pesquisa, na medida em que nos apresentaram os bens e espaços que acreditavam estar associados a uma noção de patrimônio, ainda que essa noção não fosse para eles algo claro.

Em Tanque do Piauí a noção de patrimônio cultural se assemelhava aos ideais de salvaguarda preconizados durante a revolução francesa (CHOAY, 2006), isto é, a ideia de preservar para as gerações futuras conhecerem a história, por outro lado, esse patrimônio era dinamizado, intermediando uma gama de relações sociais no presente. Podemos citar os planos de turismo e a intenção de valorização da cidade por meio das ações culturais desenvolvidas, como o próprio Festival de Cultura. Podemos perceber com clareza o desejo de fruição do patrimônio ao entrevistarmos alguns dos entusiastas do patrimônio da cidade. Essas pessoas, junto a gestão municipal, que durante o processo se voltou para o fortalecimento das ações culturais, demonstraram grande capacidade de gestão de seus bens, mas também buscaram capacitação para viabilizar com poucos recursos o desenvolvimento social e econômico do pequeno município por meio do turismo cultural.

Para além dos vestígios materiais e lugares de memória, em Tanque do Piauí e São João de Sene fervilha uma cultura imaterial relacionada com os vestígios do passado inventariados, mas também com manifestações de origens distintas, que precisam ser profundamente investigadas em outros momentos, como a literatura de cordel, o forró pé de serra, a culinária a base da fava, e os desafios de rimas. Seja pela forma como as narrativas registradas no inventário participativo se apresentam, seja

pelas formas como as pessoas interpretam esses bens culturais, evidenciou-se, um patrimônio que vai muito além da dimensão material divulgada na historiografia, e que que está fortemente entranhado na cultura e identidade do lugar.

Para captar os saberes da tradição oral, foi imprescindível o uso das entrevistas semiestruturadas, abertas, e em grupo. Sempre adequando essas metodologias conforme cada situação, visando coletar o máximo de dados sem constranger, nem intimidar nossos interlocutores. Essa metodologia combinou-se perfeitamente com as premissas da arqueologia pública, de modo que as pessoas diretamente ligadas ao patrimônio expressaram suas visões na construção de saber a respeito dos mesmos.

A utilização do Manual de aplicação desenvolvido pelo IPHAN, “*Educação Patrimonial: Inventários Participativos*”, nos permitiu construir a dissertação de maneira que o saber acadêmico não sobrepujasse a sabedoria tradicional, mas que as duas formas de produção de conhecimento fossem aliadas. Assim como Manuela Carneiro da Cunha (2007), entendemos que não cabe a ciência moderna validar os saberes e conhecimentos populares e tradicionais, tendo esta pesquisa, portanto, buscado acomodar diferentes perspectivas.

Adicionalmente atendeu-se o que foi estipulado nos objetivos elencados, que foram: (1) Inventariar os bens e manifestações culturais; (2) Desempenhar ações colaborativas em prol dos interesses da comunidade e (3) Contribuir por meio desta dissertação para com as ações de nossos interlocutores.

Finalmente, entende-se que esta dissertação contribui na apresentação de dados para o avanço da pesquisa na área da arqueologia histórica no Piauí, sobretudo em relação à presença indígena na região, uma vez que os acontecimentos do passado do local dizem respeito a período inicial de invasão e colonização do estado. Entretanto, sua principal contribuição está em agregar ao que já se falou e foi escrito sobre a cidade de Tanque do Piauí, não apenas sobre as ruínas do Aldemento de São João de Sende, mas sobre uma população com um patrimônio cultural rico e diverso, capaz de envidar esforços pela sua proteção e comunicação.

Enquanto pesquisadora percebo este trabalho como algo inovador, podendo servir como ponto de partida para outras abordagens da arqueologia, e mesmo da museologia. A discussão da musealização da arqueologia representa apenas um viés dentro de tantos outros que podem ser desenvolvidos em São João de Sene e Tanque do Piauí. Os bens e manifestações culturais inventariados podem e devem ser

minuciosamente investigados, ainda que esta pesquisa tenha proporcionado uma visão ao menos exploratória do tema, e trazido como resultado uma pequena contribuição para a reflexão a respeito do potencial do patrimônio cultural para o desenvolvimento social de São João de Sena e Tanque do Piauí.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Robério Bôto. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí:** diagnóstico do município de Tanque do Piauí. Fortaleza: CPRM -Serviço Geológico do Brasil, 2004.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante:** coleção pesquisa qualitativa. Bookman Editora, 2009.

ANUNCIACÃO, A. A. Termo de autorização para dados etnográficos e uso de imagem. Entrevista concedida a Márcia de Santana Castro em 26 de março de 2019.

ANAQUIRI, Mirna P. Marinho da Silva. “Minha avó foi pega no laço”: a questão da mulher indígena a partir de um olhar feminista. **Seminário internacional de pesquisa em arte e cultura visual**, v. 2, p. 752-763, 2018.

ALMEIDA, M. R. C. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro. Editora FGV, (FGV de bolso. serie história) 2010.

ALMEIDA NETO, Alfredo Torres de. **Construção de muros de pedra seca:** uma análise das tecnologias e padrões de construção de cerca de pedra no município de Alexandria-RN. Trabalho de conclusão de curso (Ciencia e tecnologia) Universidade Federal Rural do Semi-arido, Pau dos Ferros- Rio Grande do Norte, 2016.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Museologia: correntes teóricas e consolidação científica. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro**, v. 5, n. 2, p. 31-54, 2012.

ASSIS, LUCAS RIBEIRO DOS SANTOS. **SÓ FICOU A HISTÓRIA NO MUNDO: Arqueologia Pública, Narrativas Colaborativas e Patrimônios Culturais de Comunidades Rurais do Município de Jurema – PI**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) -Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2021.

Brasil. Decreto-lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937. Diário oficial da União.

BRASIL. L3924. Lei Nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Diário oficial da União.

BRASIL. SPHAN. Portaria Nº 007, de 1 de dezembro de 1988.

BRASIL. IPHAN. Instrução Normativa nº 001, de 25 de março de 2015.

ATENAS, Carta. Carta de Atenas. **Cadernos de sociomuseologia**, v. 15, n. 15, 1999.

- BEZERRA, Marcia. Na beira da cava: Arqueologia, Educação Patrimonial e Direitos Humanos em Serra Pelada, Pará, Amazônia. **Revista de Arqueologia SAB**, v.28, n. 2, p. 216-228. 2015.
- BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista Arqueologia Pública**, v. 7, n. 1 [7], p. 107-122, 2013.
- BEZERRA, Marcia. Teto e Afeto: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia. **Belém: GK Noronha**, v. 1, 108 p., 2017.
- BIERNACKI, P. & WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, vol. 10, n.2, p. 141-163. 1981.
- BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BRASIL. Decreto-lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937. Diário oficial da União.
- BRASIL. L3924. Lei Nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Diário oficial da União.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 2016.
- BRASIL. SPHAN. Portaria Nº 007, de 1 de dezembro de 1988.
- BRASIL. IPHAN. Instrução Normativa nº 001, de 25 de março de 2015.
- BRUNO, Cristina. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. **Cadernos de sociomuseologia**, v. 9, n. 9, 1996.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. **Revista de Arqueologia**, v. 26, n. 2, p. 04-15, 2013.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da arqueologia: alguns subsídios e antecedentes. **Revista Hawò**, v.2, 2021.
- BRULON, Bruno C. Soares. Entendendo o Ecomuseu: uma nova forma de pensar a Museologia. **Revista Eletrônica Jovem Museologia**, p. 1-24, 2006.
- BRULON, Bruno C. Soares; SCHEINER, Tereza. **A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’**: um ensaio sobre a casa. 2009.
- BRULON, Bruno Soares. **Paisagens culturais e os patrimônios vivos**: vislumbrando a descolonização, para uma musealização consciente. Museologia e Patrimônio -Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. vol.10, no1, p. 1-30, 2017.
- BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 28, p. 1-30, 2020.
- CARVALHO, S. B. NUNES, R. C. **SÃO JOÃO DE SENDE: 100 ANOS DEPOIS DO FIM DO ALDEAMENTO**. Teresina, gráfica do povo. 2016.

CARVALHO, Francisco Rodrigues de. **A igreja do nosso tempo – São João de Sene, homenagens.** G3 informática. Literatura de Cordel. 6ª tiragem. Teresina – PI. 20págs. Sem ano.

CARVALHO, Francisco Rodrigues de. Santa Rosa Homenagens. G3 Informática. Literatura de Cordel. Teresina – PI. 16págs.

CARVALHO, Francisco Rodrigues de. **1º Festival de Cultura São João de Sene,** 2016. G3 Informática. Literatura de Cordel. 1ª tiragem. Teresina – PI. 24págs.

CARVALHO, Francisco Rodrigues de. **Tanque do Piauí – Festa da FAVA. Povoado Barrigas Homenagens.** G3 Informática. Literatura de Cordel. 1ª tiragem. Teresina – PI. 20págs.

CASTRO, Márcia de S. **AS NARRATIVAS ACERCA DO ALDEAMENTO SÃO JOÃO DE SENDE (1765-1786):** Historiografia, Tradição oral e Arqueologia. Monografia (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) -Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2020.

CASTRO, M. DE S. & COSTA, R. L. As Narrativas Acerca do Aldeamento São João de Sende (1765-1786): Historiografia, Tradição Oral e Arqueologia. vol. XIX, n. 2. **FUMDHAMentos** p. 87-115, 2022.

CASTRO, Katia Milene Ferreira dos Santos. **Memórias, lugares e histórias: o processo de patrimonialização dos bens culturais no território quilombola da comunidade Lagoa das Emas, no município de São Raimundo Nonato – PI: um estudo de caso.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia) -Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2023.

COSTA, Alexandre Rodrigues. **VALE DO JACARÉ: paisagem e patrimônio arqueológico no município de Regeneração, Piauí, Brasil.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Centro de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Piauí-UFPI) Teresina, 2015.

COSTA, B. A. Termo de autorização para dados etnográficos e uso de imagem. Entrevista concedida a Márcia de Santana Castro em 26 de março de 2019.

COSTA, E. N. Termo de autorização para dados etnográficos e uso de imagem. Entrevista concedida a Márcia de Santana Castro em 26 de março de 2019.

COSTA, Rodrigo Lessa. **RELATÓRIO FINAL PROCESSO 01402.000566/2019-90.** Aldeamentos e Deslocamentos Indígenas no Sudeste e Centro Norte do Piauí Colonial: História, Arqueologia e Paisagem, 2022.

CHAGAS, Mario et al. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 55, n. 11, p. 73-102, 2018.

CHIESA, Carolina Dalla; FANTINEL, Letícia Dias. Quando eu vi, eu tinha feito uma etnografia": notas sobre como não fazer uma "etnografia acidental". **Anais do Encontro de Estudos Organizacionais da Anpad**, v. 8, 2014.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. Museus e Paisagens Culturais. **Revista Museu**. 2016.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Unesp, 2011.

COLWELL, Chip; DE ALMEIDA LOPES, Rafael. Arqueologia colaborativa não é o fim. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 34, p. 41-47, 2020.

DE MELLO, Janaina Cardoso; BARROSO, Cristina de Almeida Valença Cunha. Memórias De Um Passado Em Ruínas: Arqueologia, Musealização In Situ E Educação Patrimonial. In: I ENLETRARTE- Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes, Campos dos Goytacazes, p. 1-15. Anais 2012.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

DYKE, R. M. V. Archaeology and Social Memory. Annu. **Rev. Anthropol**, vol. 48, p. 207–25, 2019.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: Saberes e Práticas. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: Inventários Participativos: Manual de Aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.

FERNANDES, Tatiana Costa. **Vamos criar um sentimento?! Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007.

FERREIRA, J.A.; FREITAS, M.; MATOS, M.X.G.de; MAIOR, P.M.S. Além da Pedra: Utilização de Rochas em Alvenarias nas Zonas Rurais no Nordeste do Brasil, Séculos XVII ao XX. **Fundamentos** vol. XIX. P. 12-43, 2017

FUNARI, P. P. A.; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Editorial. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 1, n. 1[1], p. 3–3, 2015.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes antropológicos**, v. 11, p. 15-36, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. 2007.

GREGOROVÁ, Anna. [La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée?]. In: ICOFOM. La muséologie: science ou seulement travail pratique du musée? **Museological Working Papers - MuWoP/DoTraM**, Estocolmo, n.1, p. 19-21, 1980.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

HERNÁNDEZ, Francisca. **El museo como espacio de comunicación**. 1. ed. Gijón, (Asturias): Trea, 325 p, 1998.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOLTORF, C. **Archaeology is a Brand!:** The Meaning of Archaeology in Contemporary Popular Culture. Oxford: Archaeopress, 2007.

IBRAM, Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: **Mesa Redonda de Santiago de Chile**, 1972. Brasília: Ibram/ MinC; Programa Ibermuseos, v. 1 2012.

ICOMOS, CARTA DE LAUSANNE, CARTA PARA A PROTECÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO, 1990. in **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 15, n. 15, p. 233-242,1999.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 3, 2008.

IPHAN. **Educação Patrimonial:** Educação Patrimonial no Programa Mais Educação - Fascículo 1. Brasília/DF: IPHAN/DAF/COGEDIP/CEDUC, 2011.

IPHAN. **Educação Patrimonial:** Manual de aplicação: Programa Mais Educação. Brasília/DF: IPHAN/DAF/COGEDIP/CEDUC, 2013.

IPHAN. **Educação Patrimonial:** Inventários Participativos. Manual de Aplicação. Brasília: DAF/IPHAN, 2016.

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS: Manual de Aplicação. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília-DF, 2000.

KILOMBA, Grada. Desobediências poéticas. **São Paulo: Pinacoteca de São Paulo**, 2019.

ICOMOS, ICOMOS et al. CARTA DE LAUSANNE, CARTA PARA A PROTECÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO, 1990. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 15, n. 15, 1999.

DE VENEZA, Carta. Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios. In: **II Congresso Internacional de arquitectos e técnicos dos monumentos históricos. ICOMOS. Veneza**. 1964.

LEITE, Pedro Pereira. Museologia social e paisagens. **Informal MuseologyStudies**, v. 19, 2018.

MACÊDO, Géssika Sousa. **“Aqui, onde cavar acha pote”:** patrimônio arqueológico nos quintais dos moradores de São Braz do Piauí-PI e seus usos e significados no presente. Monografia (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2019.

MACÊDO, G.S. & MAGESTE, L.E.C. “Aqui, Onde Cavar Acha Pote”: Patrimônio Arqueológico nos Quintais dos Moradores de São Braz do Piauí-PI e seus Usos e Significados no Presente. **FUMDHAMentos**, vol. XVII, n. 2. pp. 129-156. 2020.

MACÊDO, Géssika Sousa. **RETALHOS AFETIVOS DE TECIDOS COLETIVOS: vivências de arqueologias decoloniais em São Braz do Piauí.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia) -Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2021.

MAGESTE, Leandro Elias Canaan; ASSIS, Nívia Paula Dias; MENDES, Patrícia Muniz. Museu integral da comunidade Lagoa de São Vítor? Interfaces entre Museologia social, desenvolvimento sustentável e educação transformadora. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio–PPG-PMUS Unirio| MAST**, v. 10, n. 2, p. 283-302, 2017.

MAGESTE, L. E. C., ASSIS, N. P. D., VIEIRA, B. V. F., OLIVEIRA, J. P. F., MENDES, P. M. Conexões entre arqueologia pública e museologia social: o centro museológico de experimentação comunitária do território quilombola de Lagoas, PI. **Revista Arqueologia Pública**, v. 12, n. 2 [21], p. 161-180, 2018.

MAGESTE, Leandro E. C. et al. As arqueologias de São Braz do Piauí: apontamentos iniciais sobre as narrativas e usos dos bens arqueológicos no presente. *Cadernos do Lepaarq*, v. XVII, n.34, p. 164-182, Jul-dez. 2020.

MAGESTE, Leandro Elias; AMARAL, Alencar de Miranda. As arqueologias afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco: desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da Arqueologia no Sudeste e Sudoeste do Piauí. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 17, p. 1-33, 2022.

MARQUES, Sílvia Corrêa. **Paisagens reveladas: o Jaó caboclo, quilombola, brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.

MARTINS, T. G. **OBJETOS DE MEMÓRIA**: Análise da coleção da “Dona Vani” e “Seu Valdomiro” através da perspectiva da Arqueologia Pública. Monografia (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) -Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2019.

MATSUDA, Akira; OKAMURA, Katsuyuki. Introduction: New Perspectives in Global Public Archaeology. In: MATSUDA, Akira & OKAMURA (Eds.). **New Perspectives in Global Public Archaeology**. London: Springer, 1-18. 2011.

MERRIMAN, Nick (Ed.). **Public archaeology**. Routledge, 2004.

MIRANDA, Reginaldo. **A ferro e a fogo: vida e morte de uma nação indígena no sertão do Piauí**. Teresina: Autor, 2005.

MIRANDA, Reginaldo. A ferro e a fogo: vida e morte de uma nação indígena no sertão do Piauí (autos de devassa da morte dos índios gueguês) Pág. 249-342 In: DIAS, Claudete Maria Miranda; SANTOS, Patrícia de Sousa. (Orgs). **História dos Índios do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2010.

MORAIS, S. S.; RAMASSOTE, R. M.; ARANTES NETO, A. A. Trajetória e desafios do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC): Entrevista com Antonio Arantes. **Revista CPC**, [S. l.], n. 20, p. 221-260, 2015.

MORAIS, S. S.; RAMASSOTE, R. M.; ARANTES NETO, A. A. Trajetória e desafios do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC): Entrevista com Antonio Arantes. **Revista CPC**, [S. l.], n. 20, p. 221-260, 2015.

MOTA, J. F. Termo de autorização para dados etnográficos e uso de imagem. Entrevista concedida a Márcia de Santana Castro em 26 de março de 2019.

- MOUTINHO, Mário Canova. Sobre o conceito de Museologia Social. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 1, n. 1, p. 7-19, 1993.
- MOSHENSKA, Gabriel. **Key concepts in public archaeology**. UCL Press, 2017.
- MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2º ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra**. –3. Ed.–Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- NASCIMENTO, Marcelo et al. PET-Programa de educação tutorial: estrutura e ações nas cidades de São Raimundo Nonato-PI, Juazeiro-BA e Petrolina-PE. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 12, n. 20, p. 2-20, 2015.
- NEGREIROS, R. M. B. **As trilhas da morte no sertão das pimenteiras – PI (1769-1815): caracterização e reconhecimento arqueológico de um território**. Dissertação de Mestrado, UFPE, 2012.
- NUNES, R. C. CARVALHO, S. B. **São João de Sendé: 100 anos depois do fim do aldeamento**. Teresina, gráfica do povo. 2016.
- OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **O povoamento colonial do sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. 2007.
- OLIVEIRA, Tatiana. Museologia Social: em rede, em movimento, em coletivo e a experiência do Museu Vivo do São Bento. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 59, n. 15, p. 25-52, 2020.
- OTAVIANO, Mariana Zanchetta. **Não tem certo, não tem errado: estratigrafia das vozes, significados e apropriações da cultura material na comunidade da Aldeia da Mina Grande–TI Kapinawá (PE)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2019.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, p. 377-391, 2014.
- PINHEIRO, Jarryer de Jesus. **Ruínas de Remanso Velho sob a perspectiva da museologia: relações entre comunidade e sítio arqueológico**. Dissertação (Mestrado - Programa de pós-graduação em Museologia) -- Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.
- PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL. Relatório anual do Grupo PET-Arqueologia. MEC/FNDE. 2019.
- RUIBAL, A. G. (– “De la Etnoarqueología a la Arqueología del presente”, in SALAZAR, J., et alli, (coords.) – *Mundos Tribales*, catálogo de exposição, Valência, p. 16-27. 2008.
- SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 7, n. 7, 1996.

SANTOS, Suzy da Silva. **Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2017.

SILVA, Fabíola Andréa; BESPÁLEZ, Eduardo; STUCHI, Francisco Forte. Arqueologia colaborativa na Amazônia: terra indígena Kuatinemu, rio Xingu, Pará. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 3, n. 1, 2011.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012.

SILVA, L. A. da. (Re) visitando as pessoas e as coisas: a Etnoarqueologia enquanto uma Arqueologia do Presente. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 175–185, 2017.

SILVA, M. P. M. “**Minha avó foi pega no laço**”: a questão da mulher indígena a partir de um olhar feminista. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. p. 752 – 763, 2018.

SILVA, Débora de Abreu. **Por uma semântica museal**: afetação, experiência e ressonância na teoria museológica brasileira contemporânea. Monografia (Graduação em Museologia), Universidade de Brasília- UNB, 2019.

SMITH, Laurajane. Desafiando o Discurso Autorizado de Patrimônio. v. 21, n. 2, **Caderno Virtual de Turismo**. 2021. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1957>>. Acesso em: 20 de março de 2022.

SOARES, Bruno C. Brulon; SCHEINER, Tereza. **A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’: um ensaio sobre a casa**. 2009.

SOUSA, L.; SILVA, A. S. Arqueologia pública: um olhar sobre a interação social e a preservação de recursos arqueológicos no estado do Piauí. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 11, n. 1[18], p. 67–86, 2017.

SOUSA, M. F. Termo de autorização para dados etnográficos e uso de imagem. Entrevista concedida a Márcia de Santana Castro em 26 de março de 2019.

SPIX, J.B, MARTIUS, C.F. P. Viagem ao Brasil:1817-1820. tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. (Edições do Senado Federal; v. 244-B) Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.

TOLEDO, Grasiela Tebaldi. **Musealização da Arqueologia e Conservação arqueológica: experiências e perspectivas para a preservação patrimonial**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2017.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. 2000.

VARINE, Hugues. **Reflexões sobre um museu de território**. Atas do I Encontro de Museus do Douro. p. 1-8, 2007.

VENEZA, Carta de. Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios. In: **II Congresso Internacional de arquitectos e técnicos dos monumentos históricos. ICOMOS. Veneza. 1964.**

VIEIRA NETO, João Paulo. **Inventários Participativos Do Patrimônio Cultural:** participação social e mobilização comunitária nos processos de musealização dos pontos de memória e iniciativas de museologia social no Brasil. Relatório Final do Curso de Doutorado em Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias /FCSEA/Departamento de Museologia. Lisboa, 2015. Mímeo.

VIEIRA, Bruno Vítor de Farias. Era no tempo do coronel... **“Eu não concordo muito com isso não!”: Arqueologia Pública e interpretações colaborativas sobre a Fazenda São Victor, Piauí.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.

WEBMOOR, Timothy; WITMORE, Christopher L. Coisas são nós! Um comentário sobre as relações humano/coisas sob a bandeira da Arqueologia Social. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 10, n. 2, p. 158-178, 2016.

WICHERS, Camila Azevedo Moraes. DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Reflexões sobre museus, turismo eo compromisso público da Arqueologia. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 5, 2015.

WICHERS, Camila Azevedo Moraes. Sociomuseologia e Arqueologia Pós-processual: conexões no contexto brasileiro contemporâneo. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 51, n. 7, p. 23-56, 2016.

WICHERS, C. A. M.; SANTOS, K. K. P.; SÁ, A.; OLIVEIRA, T. B. Para além dos objetos: experiências, narrativas e materialidades em processos de Musealização da Arqueologia e do patrimônio cultural indígena. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 104–123, 2020.

APÊNDICES

FICHA DE LUGAR	
NOME	Vai e não torna
O QUE É?	Uma Nascente
ONDE ESTÁ?	Em São João de Sene, nas terras de propriedade de Eliete Nunes da Costa
HISTÓRIA	<p>A história sobre a nascente e a razão de seu nome “Vai e não torna”, é porque os mais velhos da comunidade contavam que na época que tinham indígenas nessas terras que utilizavam a nascente e por causa disso contam que os animais, as pessoas, os vaqueiros da época que iam por lá eram mortos pelos índios e por isso não retornavam de lá.</p> <p>Também existe a história de que a água da nascente é benta, pois ela era utilizada para dar banho nas crianças quando elas adoeciam, e até hoje, de vez em quando acontece alguém pedindo uma garrafinha com a água porque sabe dessa história.</p>
PERÍODOS IMPORTANTES:	Não tem
SIGNIFICADOS:	É considerado por todos como um local importante na história na comunidade e do município. Também serve de bebedouro para os animais dos donos da propriedade.
ELEMENTOS NATURAIS/ CONSTRUÍDOS:	A nascente tem mangueiras e coqueiros a sua volta.
VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS:	Foi encontrado próximo uma machadinha polida e um núcleo.
ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR:	O lugar recebe visitantes que se interessam pela sua história.
MANUTENÇÃO – CONSERVAÇÃO	O local permanece conservado ao longo do tempo, sob responsabilidade
OBSERVAÇÕES	

FICHA DE LUGAR	
NOME	Conhecido como Ruínas do Aldeamento, Casa dos Padres Franciscanos e casa Almada.
O QUE É?	Paredes feitas de pedra
ONDE ESTÁ?	Em São João de Sene, nas terras de propriedade de Antônio Araújo.
HISTÓRIA	A história sobre é que o local pertencia ao aldeamento São João de Sene.
PERÍODOS IMPORTANTES:	O passado do aldeamento no século XVIII, mas também atualmente.
SIGNIFICADOS:	É considerado por todos como um local de valor histórico pois é uma parte da história do Piauí.
ELEMENTOS NATURAIS/ CONSTRUÍDOS:	O local possui várias árvores
VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS:	O próprio local.
ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR:	O lugar recebe visitantes que se interessam pela sua história.
MANUTENÇÃO – CONSERVAÇÃO	O local não permanece muito conservado, os mais velhos contam que conheceram as paredes mais altas, mas com o tempo foram caindo, com a ação da chuva e dos animais, além da suposta retirada de blocos para construção de fundações de casas na comunidade.
OBSERVAÇÕES	

FICHA DE LUGAR	
NOME	Mirante da Torre de Pedra
O QUE É?	Mirante natural
ONDE ESTÁ?	Em São João de Sene
HISTÓRIA	<p>A história é que por ser o ponto mais alto da comunidade, os indígenas que por ali viveram usavam para observar as terras, se tinha alguém chegando. E também descendo sentido contrário ao que chegasse na torre, existe um buraco na pedra que parece o mapa da américa do sul.</p> <p>E nos tempos da comunidade São João de Sene, o local também contava com um cruzeiro de madeira que foi colocado pelos patriarcas da comunidade na torre de pedra.</p>
PERÍODOS IMPORTANTES:	Não tem
SIGNIFICADOS:	É considerado por todos como um local importante na história na comunidade e do município, e de muita beleza
ELEMENTOS NATURAIS/ CONSTRUÍDOS:	Algumas rochas, uma delas com um buraco que parece o mapa da américa do sul
VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS:	Não
ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR:	O lugar recebe visitantes que se interessam pela história e pela bela vista .
MANUTENÇÃO – CONSERVAÇÃO	O local é bem conservado, mas o seu acesso é feito por uma trilha estreita.
OBSERVAÇÕES	Não é um lugar de fácil acesso.

FICHA DE LUGAR	
NOME	Mangueira caída
O QUE É?	
ONDE ESTÁ?	Fica próximo ao Vai e não torna em uma estrada em São João de Sene que tem várias mangueiras.
HISTÓRIA	Um lugar muito bonito e importante para a história da comunidade, pois muitos contavam que viram por lá um cordão de ouro.
PERÍODOS IMPORTANTES:	Safra de manga
SIGNIFICADOS:	Um lugar de memórias e mitos.
ELEMENTOS NATURAIS/ CONSTRUÍDOS:	Foi feita a estrada de acesso.
VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS:	Não
ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR:	O lugar recebe visitantes que se interessam pela história e pela bela vista.
MANUTENÇÃO – CONSERVAÇÃO	É feita a conservação da estrada.
OBSERVAÇÕES	Um lugar muito bonito e com história, merece ser conservado.

FICHA DE LUGAR	
NOME	Cerca de Pedra
O QUE É?	Uma espécie de cerca de pedra
ONDE ESTÁ?	Em São João de Sene
HISTÓRIA	Se conta que os indígenas foram obrigados a fazer para separar as terras.
PERÍODOS IMPORTANTES:	Não tem
SIGNIFICADOS:	Um patrimônio cultural
ELEMENTOS NATURAIS/ CONSTRUÍDOS:	As pedras
VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS:	A cerca em si.
ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR:	Visitação, criação de animais.
MANUTENÇÃO – CONSERVAÇÃO	Baixa conservação,
OBSERVAÇÕES	Local com densa vegetação arbustiva e espinhosa.

FICHA DE LUGAR	
NOME	Antigo engenho
O QUE É?	Um antigo engenho
ONDE ESTÁ?	Em São João de Sene, próximo as mangueiras.
HISTÓRIA	De natureza familiar, lá funcionava a fabricação de rapadura, caldo de cana e derivados da cana.
PERÍODOS IMPORTANTES:	Quando tinha a moagem da cana.
SIGNIFICADOS:	Econômico e cultural.
ELEMENTOS NATURAIS/ CONSTRUÍDOS:	A construção da moenda.
VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS:	Não
ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR:	Visitação, criação de animais.
MANUTENÇÃO – CONSERVAÇÃO	Está desativado, por isso não está sendo conservado.
OBSERVAÇÕES	Fiações elétricas perigosas no local.

FICHA DE LUGAR	
NOME	A gruta da Santa e/ou pedra da Santa
O QUE É?	O local é uma estrutura rochosa com um depósito de vidro com a imagem de Nossa Senhora Aparecida.
ONDE ESTÁ?	Em São João de Sene
HISTÓRIA	Em 1992 Heleno Monteiro Nunes e seu filho Romão da Cunha Nunes foi colocada a imagem no local na intenção de pedir proteção para a comunidade
PERÍODOS IMPORTANTES:	Festejo de Nossa Senhora Aparecida de 03/10 a 12/10
SIGNIFICADOS:	De fé e proteção
ELEMENTOS NATURAIS/ CONSTRUÍDOS:	O local é uma estrutura rochosa com um depósito de vidro com a santa.
VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS:	Próximo a esse local foi encontrado um cachimbo.
ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR:	Pagamento de promessas, orações.
MANUTENÇÃO – CONSERVAÇÃO	Toda a comunidade se dedica a manter e conservar o espaço
OBSERVAÇÕES	

FICHA DE LUGAR	
NOME	Poço feio
O QUE É?	O local é um poço muito bonito ao contrário do nome que na época das chuvas forma uma cachoeira
ONDE ESTÁ?	Depois do limite municipal de Tanque, na localidade Ferreiro em Várzea Grande
HISTÓRIA	Dizem que o poço não tem fundo, e que lá mora uma sereia que se esconde quando as pessoas chegam.
PERÍODOS IMPORTANTES:	Época das chuvas, pois ativa a cachoeira
SIGNIFICADOS:	
ELEMENTOS NATURAIS/ CONSTRUÍDOS:	Formação rochosa com a inserção da vitrine com a imagem.
VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS:	Na localidade tem histórias de urnas de cerâmica com ossos dentro.
ATIVIDADES QUE ACONTECEM NO LUGAR:	Atividades de lazer.
MANUTENÇÃO – CONSERVAÇÃO	Fica por conta das pessoas que vão no lugar, de não jogarem lixo, como as vezes acontece.
OBSERVAÇÕES	

FICHA DE CELEBRAÇÃO E/OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL	
Nome	Festival de Cultura de São João de Sene
O que é?	Um movimento cultural que visa expor as potencialidades culturais do município
Onde está?	Acontece em São João de Sene
Períodos importantes	Não possui definida, mas tem acontecido de dois em dois anos. A proposta futura é torná-lo fixo no calendário da cidade.
História	O evento foi criado para divulgar e discutir o potencial cultural do município presentes na história da comunidade
Significados	Troca de conhecimentos e interação
Descrição	Geralmente acontece em três dias, com palestras, trilhas, jogos de futebol, forró, conversas, momento de muitos encontros com familiares e pessoas de outros locais
Pessoas envolvidas	A comunidade São João de Sene e agora a administração pública
Objetos importantes	Não tem.
Estrutura e recursos necessários	O festival tem ampliado o seu alcance, então necessita cada vez mais de pessoas trabalhando em prol da sua realização.
Outros bens culturais relacionados	Círculo de visitação.
Observações	Um evento importante para a história e autoestima da comunidade.

FICHA DE CELEBRAÇÃO E/OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL	
Nome	Festejo de Nossa Senhora Aparecida
O que é?	Celebração religiosa católica em homenagem a padroeira de São João de Sene
Onde está?	Acontece em São João de Sene
Períodos importantes	De 03 de outubro(abertura) a 12 de outubro (encerramento)
História	Em 1992 Romão e seu pai Heleno trouxeram para comunidade a imagem de Nossa Senhora Aparecida que foi colocada numa gruta de pedra, então a comunidade entrou de acordo de festejar a santa.
Significados	Fé, união
Descrição	A missa de abertura do novenário acontece no dia 03/10 às 19:00horas e segue até o dia 11/10 assim, no dia 12/10 que é o encerramento, as 17:horas é feita a procissão que vai até a gruta da Santa, depois a missa de encerramento. E depois da missa ocorre o forró pé de serra no National clube.
Pessoas envolvidas	A comunidade toda
Objetos importantes	Imagem da santa da Igreja e a da gruta
Estrutura e recursos necessários	Organização da igreja
Outros bens culturais relacionados	A santa da gruta
Observações	É preciso melhorar o trajeto para se chegar à igreja.

FICHA DE CELEBRAÇÃO E/OU MANIFESTAÇÃO CULTURAL	
Nome	Festejo de Nossa Senhora da Conceição
O que é?	Celebração religiosa católica
Onde está?	Salobro, Tanque do Piauí
Períodos importantes	De 28 de novembro (abertura) a 08 de dezembro (encerramento)
História	A tradição do festejo começou com uma mulher de 27 anos chamada Sofia, cuja narrativa afirma ter vendido um garrote, e com o dinheiro que recebeu, encomendado a um tropeiro que fazia viagens a Juazeiro do Norte - CE uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, a qual era uma fiel devota. Sofia carregava em si a vontade de rezar, e quando a imagem de Nossa Senhora da Conceição chegou, ela se reunia constantemente com seus familiares em rezas. A primeira capela foi construída na localidade Rancharia, a imagem e a organização dessas rezas foram passadas de geração em geração, dentro da família Correia, que atualmente se encontra na sua 5ª geração. Num contexto em que a religiosidade foi importante para a expansão de vários municípios do interior do Piauí, percebe-se que a tradição desse festejo é lembrada com afeto pelos moradores mais antigos da localidade e vizinhança.
Significados	Fé, Devoção, Promessas.
Descrição	A missa de abertura do novenário acontece no dia 28/11 às 19:00horas e segue até o dia 07/12 assim, no dia 08/12 que é o encerramento, as 17:horas é feita a procissão, e depois missa de encerramento. Neste último dia temos aqueles que fizeram as promessas costumam pagá-las vindo de branco, caminhando da sede da cidade a comunidade.
Pessoas envolvidas	Organização pela família Correia, com colaboração da paróquia local. E com grande participação dos moradores.
Objetos importantes	
Estrutura e recursos necessários	
Outros bens culturais relacionados	A imagem da Santa
Observações	

FICHA DE OBJETO	
O que é? Nome	Cachimbo I (fragmento forninho)
Imagem	
Onde está	Laboratório de Arqueologia Pré-Histórica da Univasf
História	Encontrado por Zé Pequeno durante suas atividades de plantio
Observações	

FICHA DE OBJETO	
O que é? Nome	Cachimbo II (fragmento boquilha e/ou piteira)
Imagem	
Onde está	Laboratório de Arqueologia Pré-Histórica da Univasf
História	Encontrado por Zé Pequeno durante suas atividades de plantio
Observações	

FICHA DE OBJETO	
O que é? Nome	Vasilhames Cerâmicos I e II
Imagem	
Onde está	Laboratório de Arqueologia Pré-Histórica da Univasf
História	Encontrado por Zé Pequeno durante suas atividades de plantio
Observações	Zé pequeno, gostaria de saber a função desses pequenos vasilhames.

FICHA DE OBJETO	
O que é? Nome	Cachimbo II (fragmento forninho)
Imagem	
Onde está	Casa de Zé Pequeno
História	Zé pequeno, gostaria de saber a função desses pequenos vasilhames.
Observações	

FICHA DE OBJETO	
O que é? Nome	Cachimbo (São João de Sene)
Imagem	
Onde está	Casa de Seu Antônio e Dona Teresa.
História	Cachimbo que encontraram há cerca de uns sete anos, nas proximidades da pedra da santa, guardado por seu Antônio e dona Teresa que consideram um tesouro.
Observações	

FICHA DE OBJETO	
O que é? Nome	Lâmina polida
Imagem	
Onde está	Casa do Tiago e Franceilza
História	<p>Encontrada pelo morador José Luiz, ele explica que achou o material próximo ao “vai e não torna”, embaixo de um pé de manga, há aproximadamente 25 anos atrás, a peça foi guardada por José Luiz e família durante esses anos desde quando foi encontrada. Durante esse período a mesma já foi utilizada para esticar couro de animais, mas atualmente ela não desempenha mais essa função, e segue sendo guardada pelo filho de José Luiz, Tiago que também reside na propriedade, e explica que faz questão de se encarregar da guarda do objeto e ser responsável por mostrá-lo aos visitantes que por ali passam.</p>
Observações	

